

CEDI - P. I. B.
DATA 30, 12, 86
COD 0K006

Projeto Pilôto do "Curso Intensivo de Iniciação às Técnicas de Desenvolvimento Comunitário" a ser realizado com a criação do "Plano Integrado de Desenvolvimento Comunitário para Área Indígena do Araguaia" e da "Escola de Indigenismo do Brasil".

S U M Á R I O

- 1.0 Introdução (diagnóstico)
- 2.0 Objetivos
- 3.0 Método de Ensino
- 4.0 Seleção
- 5.0 Recrutamento
- 6.0 Especificações do Curso
- 7.0 Características do Curso
- 8.0 Verificação do Rendimento Escolar
- 9.0 Certificado de Conclusão
- 10.0 Custo do Treinamento
- 11.0 Disposições Finais
- 12.0 Cronograma de Execução do Curso
- 13.0 Programa das Unidades
- 14.0 Considerações Gerais
- 15.0 Ato criando o "Curso Intensivo de Iniciação às Técnicas de Desenvolvimento Comunitário", o "Primeiro Plano Integrado de Desenvolvimento Comunitário para a Área Indígena do Araguaia" e a "Escola de Indigenismo do Brasil".
- 16.0 Anexos.

TRABALHO DE AUTORIA

DO PROFESSOR

EDSON RAMALHO JUNIOR

SOB A RESPONSABILIDADE DA FUNDA-
ÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

CURSO INTENSIVO DE INICIAÇÃO ÀS TÉCNICAS DE DESENVOLVIMENTO
PARA COMUNIDADES INDÍGENAS

1.0 - INTRODUÇÃO (diagnóstico)

1.0.1 - É sintomático numa administração que carece de recursos humanos e materiais a presença de um círculo vicioso, que se resume no seguinte: não temos técnicos porque faltam as condições materiais, e não temos essas condições porque carecemos de técnicos. A atual estrutura administrativa da FUNAI tem o seu ponto de estrangulamento na sua unidade base: a chefia de Posto Indígena. O rompimento do círculo vicioso e a conseqüente remoção do ponto de estrangulamento, terá que vir, sob pena de comprometer a consecussão dos objetivos últimos da FUNAI, e sua própria existência. E como não existe "corrente mais resistente do que o seu elo mais fraco" se faz necessário a dinamização da unidade base, criando as condições de auto-desenvolvimento das comunidades indígenas. Isto será possível através da capacitação de recursos humanos nas técnicas de desenvolvimento comunitário que será ponto de partida para a implantação de novos sistemas e de uma política indigenista "auto-impulsionada". A unidade base e a alta administração estarão em condições de interagir.

1.0.2 - A Escola de Indigenismo do Brasil se propõe a preparar pessoal qualificado através do "Curso Intensivo de Iniciação às Técnicas de Desenvolvimento para Comunidades Indígenas".

1.0.3 - A ausência de um plano de trabalho subsequente ao curso, não se justifica. Daí, a estreita vinculação nêsse projeto, do preparo de recursos humanos com sua utilização: o "Plano Integrado de Desenvolvimento Comunitário para a Área Indígena do Araguaia", a ser elaborado.

1.0.4 - O complexo "educação", não mais pode ser confundido hoje em dia, só como educação letrada. O professor é primeiro o promotor de desenvolvimento, para então, ser alfabetizador.

2.0 - OBJETIVOS

- 2.0.1 - A E.I.B. é uma escola EXPERIMENTAL. O que deve ser dita do pela experiência vivida não pode ser de todo previsto. As diretrizes gerais, no entanto, são válidas.
- 2.0.2 - O que caracteriza o atual trabalho a nível de chefia de Pôsto Indígena (PI), é o empirismo e a atitude paternalista. A ausência de uma ação planejada e de um trabalho racionalizador, favorecem o empirismo que é cego, não tem visão de conjunto, e a ação paternalista que destrói a vontade, a autonomia e a razão de viver das nações indígenas.
- 2.0.3 - O nosso chefe de "PI" é elemento em geral recrutado na região, compromissado com a estrutura da sociedade envolvente e de nível cultural igual ao das "frentes pioneiras". Numa chefia de PI, com o mínimo de instrumentos, condições materiais e apoio, esse elemento entra em estado de hibernação. Além de transformar-se numa parasita para a comunidade, ele se torna vulnerável a influências estranhas ao trabalho indigenista. Qualquer elemento que chegue melhor aparelhado (como os missionários, pesquisadores, etc.) assume de imediato a liderança. Vale a pena ressaltar, que o silvícola é muito sensível a todo "aparatus", e formas que traduzam prestígio.
- 2.0.4 - O objetivo da E.I.B., tendo em vista o exposto nos dois parágrafos anteriores, é o de capacitar recursos humanos nas técnicas e trabalhos de desenvolvimento comunitário, não esquecendo que esse tipo de trabalho é excessivamente dependente da relação homem/meios materiais. De pouco valerá um sem o outro.
- 2.0.5 - A formação de cada turma de indigenistas deverá estar vinculada a uma área e a um projeto específico pré-estabelecido. Isto implicará em:
- a) Concentração dos recursos humanos e materiais para o ataque a objetivos limitados, compatíveis com a economia e a racionalização do trabalho.
 - b) Trabalho planejado para que o empirismo e a ação paternalista venham a ser eliminados, pois são sérios entraves para o desenvolvimento.

- c) Bom preparo didático que acompanha objetivos claramente definidos e estudados. Se sabe onde, quando, como e para que trabalhar.
- d) Rompimento do círculo vicioso, mencionado no diagnóstico.

2.0.6 - A área do projeto piloto será a do Araguaia. Há toda uma infraestrutura já montada na Ilha do Bananal: base aérea da FAB, rodovia, comunicação fluvial, radiocomunicações, hospital, reembolsável, olaria, serraria, atividade agropecuária, facilidades habitacionais, aldeia indígena, toda a ilha é uma grande escola. O estágio a que estão se submetendo os bolsistas está sendo feito nessa área.

2.0.7 - Integrar o índio não significa igualar sua cultura tribal à cultura da sociedade envolvente. No trabalho de desenvolvimento de comunidades não pode prevalecer o empirismo ou métodos simplórios. É necessário elemento humano com capacidade crítica e um grau de conhecimentos equivalentes a de um técnico de nível médio.

2.0.8 - A iniciativa de colocar as turmas em áreas definidas visa, por outro lado, manter os ex-alunos da E.I.B. como parte integrante da escola em termos de avaliação e troca de experiência vivida, além de um apoio técnico-administrativo constante, seminários, cursos suplementares e outras atividades.

2.0.9 - Outro aspecto a ser considerado, é que a FUNAI deverá ter dois elementos com o mesmo nível de preparo para o trabalho numa comunidade.

Isto se deve a:

- a) O montante de tarefas que implica o desenvolvimento comunitário.
- b) Necessidade de troca de pontos de vista com elemento que tenha tido a mesma formação. Surgem a todo momento dificuldades e entraves que precisam ser discutidos.

2.1.0 - Para que esses dois elementos mencionados apresentem melhor aproveitamento, necessário se faz que seja um casal. Essa "unidade técnica" é imprescindível porque:

- a) É estabelecida a divisão natural do trabalho.

- b) São satisfeitas necessidades psicofisiológicas com as suas implicações no trabalho com comunidades.
- c) Uma ausência prolongada do convívio com elementos de nível cultural equivalente e da mesma sociedade, cria certos problemas psicológicos.
- d) A coeducação é uma necessidade pedagógica. A escola não pode comportar discriminação de sexo. O homem que não sabe respeitar uma mulher da sua sociedade muito menos saberá respeitar uma mulher índia ou uma cabocla.
- e) O trabalho de desenvolvimento comunitário traz em seu bôjo a necessidade do "efeito demonstrativo". O casal é quem melhor preencherá essa necessidade.

2.1.1 - O trabalho comunitário necessita de uma visão global no que diz respeito aos problemas das sociedades humanas. O relacionamento do todo social com as suas partes e vice-versa, dos meios com os fins, é o que permitirá aos técnicos não se perderem no quebra-cabeças.

2.1.2 - A E.I.B. não terá a pretensão de formar peritos de alto nível, mas evitará os métodos simplórios de trabalho que até hoje caracterizam a ação do chefe de "PI". A chefia de "PI" passará a ser mais uma assessoria para o desenvolvimento, do que uma chefia paternal de índios.

2.1.3 - A comunidade será assessorada:

- a) oferecendo-se orientação para suas dificuldades;
- b) favorecendo-se as condições para seu trabalho;
- c) procurando-se tornar produtiva a dinâmica social. A comunidade deve se tornar, um dia, auto-impulsionada e prescindir, então, da assistência que lhe foi oferecida.

3.0 - MÉTODO DE ENSINO

3.0.1 - O método de ensino será aquele que mais favoreça a capacidade de iniciativa, auto-gestão e criatividade. A E.I.B. não terá como meta ensinar o que o aluno precisa aprender de cada matéria. Sua meta é algo muito mais válido e inteligente: ensinar o aluno a aprender sozinho. O aluno deverá se tornar motivado e capaz de continuar aprendendo quando não mais estiver na E.I.B.

3.0.2 - A auto-educação favorecerá ainda:

- a) A concentração do esforço. A unidade psicológica interior. Uma capacidade de mobilizar todas as energias conscientes e inconscientes para um só objetivo.
- b) A liberdade, a iniciativa e a criatividade.
- c) O profundo respeito pelo trabalho do indivíduo e da coletividade.
- d) A incorporação de um método, ao mesmo tempo que de um conhecimento.

3.0.3 - A E.I.B. procurará evitar por todos os meios o esquema tradicional.

No corpo docente

a) O professor é a figura central do sistema escolar.

b) Algumas das idéias do professor, funcionalmente, sempre presentes são: ensinar é transmitir conhecimentos, o problema de maior importância é cultivar a inteligência e formar bem o caráter do aluno.

No corpo discente

a) O aluno é alguém visto à distância, como um ser ideal, à disposição do professor. Ele é quem deve se ajustar às exigências didáticas do estabelecimento.

b) O aluno é um bom ouvinte. Recebe conhecimento sem livre exame, sem possibilidade de discuti-lo. É um elemento passivo.

- c) O professor apresenta o conhecimento como algo acabado e definitivo. O dogmatismo e o autoritarismo pedagógicos são defendidos. A classe de aula é tida como um conjunto homogêneo e a grande dificuldade do professor é manter a imobilidade, a atenção e a disciplina.
- d) O professor emprega, em geral, o método expositivo.
- c) O aluno obediente e disciplinado, tem quase nenhuma oportunidade para:
- a auto-expressão
 - a iniciativa
 - a imaginação criadora
 - a organização lógica das idéias
 - ter seu ritmo próprio de trabalho.
- d) O aluno procura memorizar o que o professor "transmite" para depois regravar na prova, exame ou sabatina. A sua maneira de estudar está condicionada ao que espera ser exigido na prova ou ao que é do agrado do professor.

3.0.4 - A escola tradicional sempre foi concebida em termos de prédio suntuoso, nunca sendo primeira preocupação os elementos base com que se faz educação: educando, educador, ambiente. A metodologia é a interação dos três.

A E.I.B., face aos seus objetivos, estabelece:

3.0.5 - Compete ao educador:

- a) Preparar o meio e os motivos de atividades; depois retrair-se, falar pouco e em voz baixa. Respeitar o ritmo e a maneira de ser de cada aluno.
- b) Levar o educando a corrigir-se sozinho, criando condições para que cada um se desenvolva na medida das suas possibilidades.
- c) Conduzir o educando a posse de si mesmo.
- d) Mostrar o manejo de instrumentos.
- e) Servir de intermediário entre o meio e o educando.
- f) Ensinar o método de trabalho.

- g) Lembrar o respeito devido aos outros, pelo seu próprio exemplo.
- h) Para que o educando cresça, é necessário que o educador retraia-se.

3.0.6 - Cabe ao meio ambiente:

- a) Oferecer motivos de atividades racionais numa atmosfera de calma.
- b) Provocar o esforço do educando para ultrapassar-se.
- c) Fornecer exercícios musculares.
- d) Fornecer exercícios sensoriais.
- e) Fornecer exercícios intelectuais.
- f) Desenvolver a responsabilidade.
- g) O meio deve favorecer o desenvolvimento.

3.0.7 - Cabe ao educando:

- a) Escolher o trabalho e executá-lo em seu ritmo ... silenciosamente.
- b) Adquirir conhecimentos experimentais.
- c) Tornar-se "dono" de seus movimentos.
- d) Pôr ordem em suas sensações.
- e) Exercitar-se na atenção, raciocínio, contemplação ...
- f) O educando aprende fazendo, incorporando um método, ao mesmo tempo que um conhecimento.
"Cada educando difere entre si. Difere não só quanto ao desenvolvimento físico, mas também quanto ao intelectual, ao social, e ao emocional; difere quanto ao cabedal de experiências e à motivação para aprender". (*)

3.0.8 - Grande parte do trabalho do aluno será norteado pelo estabelecido nos parágrafos anteriores. Um exemplo dele é a ficha roteiro (FR).

3.0.9 - Há basicamente dois tipos de "FR": diretivas de trabalho (FRdt) e a "FR" de explicitação (FR_{eat}). A "FR_{eat}" pode tomar três formas:

- a) A de pesquisa e consulta às fontes. Ex. carga de leitura e respectivo fichamento por assunto, etc.

(*) H.F.Darrow e R.V.Allen - Aprendizagem Dinâmica

- b) A de fixação. Ex: externar noções já adquiridas, de maneira mais clara e sistemática.
- c) A de aplicação e extensão. Ex: levar a indução ou extensão.

3.1.0 - Vantagens da "FR"

- a) Auto-educação
- b) É preparada dentro de uma linha adequada ao aproveitamento de cada educando.
- c) É instrumento de trabalho que estimula a criatividade, a originalidade. A "FR" pode ser apresentada de maneira muito rica, interessante, bem planejada, convidando a comparações, etc.
- d) A "FR" é um plano de trabalho. O roteiro é ponto de partida, indica o essencial e abre horizontes inclusive para fora de seus limites. A "FR" liberta o educando dela mesma, impelindo do seu interesse para um trabalho pessoal.
- e) Permite a auto-correção e uma avaliação retrospectiva. É preciso lembrar que o erro é muito pessoal. A razão pela qual uma pessoa erra não é a mesma para outra, ou para todos. Muitos julgamentos decorrem de uma ordem psicológica.
- f) Oferece as condições básicas ao esforço criador. Essas condições envolvem entre outros, os elementos de tempo, espaço, material e planejamento.
- g) A "FR" se transforma a um nível mais alto em Projeto de Desenvolvimento Comunitário, elaborado pelo próprio aluno.

3.1.1 - Um exemplo de "FR" (Ver modelo anexo - item 3.1.8)

3.1.2 - Complementando a "FR" existe a "Avaliação do Dia" (AD).

3.1.3 - A "AD" é:

- a) A ocasião de todos aproveitarem o que foi conseguido por cada um naquele dia.
- b) A oportunidade para suscitar o interesse da aqueles menos interessados, levando-os a observar o trabalho dos colegas - Efeito Demonstrativo.

c) Para o professor é mais uma ocasião de verificação: é possível avaliar o estudo, o esforço, o entusiasmo, o interesse, o progresso de cada um, pelo que é capaz de transmitir aos colegas sobre o seu trabalho.

3.1.4 - Mais uma vez, é preciso enfatizar, que a E.I.B. preparará técnicos indigenistas. Quando se permite a iniciativa, se oferece a oportunidade de acertar e errar. Será com base numa margem de erros e acertos que se forjará o "Técnico Indigenista". De nada adiantarão para os promotores de desenvolvimento - Técnicos Indigenistas - conhecimentos ou vivência, se lhes faltarem a iniciativa e a criatividade.

3.1.5 - O promotor de desenvolvimento tem que ter muito do empresário, do professor, do líder:

a) Atividade, iniciativa, dinamismo, arrôjo.

b) Saber combinar os fatores: recursos humanos, recursos naturais, tecnologia. Sem criatividade é impossível ultrapassar aquilo que outros já fizeram. Tudo que resta é imitar, copiar, e isso é a negação desse tipo de trabalho.

3.1.6 - Não será, portanto, de admirar, que tanto no selecionamento, preparo e verificação dos futuros técnicos, o que prevalecerá é a ênfase nos aspectos: iniciativa e criatividade. A própria aquisição de conhecimentos estará subordinada a estes aspectos.

3.1.7 - "As atividades que resultam em entusiasmo, contribuem para o desenvolvimento do sentido de auto-gestão. A satisfação pessoal, a "questão interior", as necessidades de expressão profundamente sentidas, são encontradas quando a pessoa luta por metas de aceitação própria, com todo seu esforço. O critério sugere uma relação íntima entre o esforço que leva ao desenvolvimento da auto-gestão e o que encoraja a capacidade criadora. Um passa a ser corolário do outro. Quando o aluno pesquisa, organiza, cria e se comunica, ele está imerso no ato da criação e no de dirigir sua própria vontade". (*)

"Ensino de alta qualidade implica em atualização contínua de conteúdo, de métodos, de processos e de técnicas; um estímulo constante ao uso do pensamento crítico, do raciocínio, da criatividade; em desenvolvimento de qualidades físicas, morais e espirituais; em atendimento a diferenças individuais". (**)

(*) Helen Fisher Darrow e R. Van Allen - Aprendizagem Dinâmica

(**) Lenice Bezerra Moura e Wanda R.P. Lopes - Trabalho com Grupos.

3.1.8 - "FR" nº 554

Aluno: Francisco J.T. Rocha Desenvolvimento de Co
Equipe: Pedro, Josafá, Jaime. munity.
Bananal, 15/11/1969. (Saneamento e Higie
ne)

Assunto: CONSTRUÇÃO DE UMA FOSSA SÉPTICA E MONITORIA

1a. Parte - Bibliografia sugerida e fichamento.

- | | |
|-----------------------|---|
| - Silva, Olavo Barros | - Fossa séptica - proje
to e instruções para
o agricultor constru
ir sem mestre. |
| - Portugal, H.Furtado | - Noções de Higiene Ru
ral. |
| - Apostila da E.I.B. | - 4º caso - A casa |
| - Apostila da E.I.B. | - Elementos conceptuais
para resolução de pro
blemas humanos. |
| - Apostila da E.I.B. | - Sugestões para estudo
- lista de perguntas. |
| - Apostila da E.I.B. | - Educação Sanitária. |
| - Apostila da E.I.B. | - 2º caso - O Milho e
os costumes. |

2a. Parte - Preparar com a equipe um modelo secciona
do. Preparar com ilustrações e desenvolver
a "unidade didática" para a E.I.B.

3a. Parte - Preparar com base nos estudos e observa
ções feitas junto a comunidade e nos deba
tes, um plano para a introdução e instala
ção de fossas sépticas na aldeia de Menedi
va.

4.0 - SELEÇÃO

4.0.1 - Além do Prospecto da E.I.B., apresentamos aos interessados no Curso Pilôto, um impresso com as seguintes informações:

- a) A FUNAI vem selecionando candidatos à Escola de Indigenismo através de entrevistas pessoais;
- b) Na impossibilidade do candidato apresentar-se em Brasília no período das inscrições, será entrevistado na sede da Delegacia Regional, neste endereço:
- c) No ato da entrevista o candidato deverá preencher ficha com seu "Curriculum-Vitae"; e apresentar fôlha corrida da Polícia;
- d) A FUNAI assume compromisso unicamente com o candidato. Os casados, só poderão participar da E.I.B. com a inscrição do cônjuge em idênticas condições;
- e) Os candidatos serão aceitos na faixa etária de 18 a 30 anos;
- f) O nível de conhecimento mínimo deve ser equivalente ao ginásio;
- g) O candidato selecionado como bolsista fará jus, tão somente, a transporte, habitação, alimentação e vida escolar;
- h) A aprovação ou reprovação do candidato está condicionada ao bom aproveitamento no estágio e no curso;
- i) O estágio será realizado antes do curso, numa comunidade indígena;
- j) Os candidatos aprovados serão contratados pela FUNAI, como Chefe de Pôsto, percebendo salário aproximado de NCr\$ 700,00 (setecentos cruzeiros novos);
- k) Os candidatos estão sujeitos a servirem em qualquer região para onde forem designados.

4.0.2 - O processo de seleção se divide em 4 (quatro) etapas:

1a. Etapa - Inscrição

- a) Preenchimento do "Curriculum-Vitae", verificando detalhes sobre o candidato.
- b) Entrevista pessoal, observando, na medida do possível, o grau de iniciativa e decisão.
- c) Verificação do grau de compreensão, conhecimentos e imaginação. Isto é feito através da leitura e interpretação de um texto sobre problemas no "desenvolvimento dirigido" de uma comunidade, um "estudo de caso".

Os critérios que prevalecerão para encaminhamento à 2a. Etapa são em termos de prioridade:

- 1) índio com nível razoável de instrução;
- 2) casais;
- 3) experiência relacionada com desenvolvimento de comunidades;
- 4) ter alguma arte-ofício.

2a. Etapa - Recrutamento para Estágio Seletivo

O candidato é enviado a uma comunidade indígena relacionada com a área e o projeto específico pré-estabelecido - veja item 2.0.5 -. Durante esse período ele passa a condição de bolsista, tendo direito a: alimentação, habitação e transporte. Durante o período de 1 (um) a 2 (dois) meses, o bolsista tem a oportunidade de vivenciar o seu novo campo de atuação.

Os critérios que prevalecerão para encaminhar o bolsista à 3a. Etapa são:

- a) que apurada qualquer representação sobre sua conduta durante o estágio nada pese contra ele;
- b) que seu entusiasmo pelo trabalho tenha aumentado.

Vale lembrar que esse período é o mais importante da seleção, porque:

- a) estabelece, de um certo modo, se o candidato é ou não vocacionado para o tipo de vida.
- b) Oferece uma imagem objetiva e real do que será seu trabalho.
- c) Permitirá aferir o interesse, a curiosidade e a iniciativa pelo que o bolsista colheu e tem a colocar durante o período letivo.

3a. Etapa - Período Letivo

(Veja itens 3.0.1 - 3.0.2 - e 8.0 - Verificação do Rendimento Escolar - para maiores detalhes)

Os critérios que prevalecerão para encaminhar o bolsista à 4a. Etapa são:

- a) Grande progresso feito em relação a si mesmo.
- b) Entusiasmo pelo trabalho.

4a. Etapa - Verificação Final

O bolsista ingressa nessa etapa percebendo salário equivalente ao de chefe de posto.

4.0.3 - Os critérios que prevalecerão para a "concessão de crédito" na Fôlha de Serviços (veja item 9.0) e ingresso no Quadro da FUNAI na função de Técnico em Indigenismo são:

- a) desempenho com grande iniciativa e arrôjo do sub-programa estabelecido (veja item 2.0.5) para a comunidade onde lhe foi dado atuar.
- b) Esta avaliação será feita após um período mínimo de 6 (seis) meses, findo o qual o candidato deverá apresentar adaptações ao sub-programa.

5.0 - RECRUTAMENTO

5.0.1 - Corpo Discente

São os seguintes os dados da experiência vivida no que toca ao recrutamento para o Curso Pilôto:

- Período analisado: março a setembro/69
- Nº de candidatos apresentados: 280
- Composição: 95% rapazes - 4,5% moças - 0,5% casais
- Ficaram inscritos: 118
- Composição: 85 rapazes - 33 moças - 5 casais
- Aprovados: 45
- Composição: 28 rapazes - 13 moças - 2 casais
- Desistências: 6
- Pediram desligamento durante o estágio: 8
- Foram desligados: 3
- Encontram-se fazendo estágio: 19 rapazes - 5 moças - 2 casais.

5.0.2 - A experiência colhida no recrutamento, coloca a necessidade de:

- a) centralizá-lo em Brasília.
- b) Nunca chamar candidato para estágio sem a "entrevista pessoal".

5.0.3 - Essas medidas visam:

- a) estabelecer coerência e unidade de pro p o s i t o s;
- b) racionalizar, evitando t \hat{o} da duplicidade de trabalho;
- c) estabelecer responsabilidade no re c r u t a m e n t o;
- d) permitir solu \tilde{c} o de continuidade;
- e) conseguir os objetivos almejados com o menor desperdício poss \hat{i} vel e menor mar g e m de er r o s.

5.0.4 - Os resultados obtidos n \hat{e} sse primeiro recrutamento dei x a r a m u m s a l d o p o s i t i v o. H \hat{a} gente vocacionada e com determina \tilde{c} o para levar at \hat{e} o fim um trabalho mar a v i l h o s o.

5.0.5 - Corpo Docente

O corpo docente deverá ser recrutado dentro da própria FUNAI. Não se justifica a contratação de nenhum professor, alheio ao seu quadro. Os professores de fora que venham a ser convidados, terão direito a alimentação, alojamento e transporte.

5.0.6 - O corpo docente será constituído por indigenistas, ser tanistas, técnicos e pessoal da administração, além de convidados especiais.

5.0.7 - Farão parte do corpo docente:

5.0.7.1 - Política Indigenista:

José de Queirós Campos
Orlando Villas Bôas
Francisco Meirelles
Ney Land
Olympio Serra

5.0.7.2 - Desenvolvimento de Comunidades

a) Saneamento e Higiene	Álvaro Simões e equipe Hospital do Bananal Darcy Mesquita da Silva
b) Comercialização	João Oscar Henriques Lourival Cordeiro de Lucena
c) Artes e Ofícios	Summer Institute of Linguistics Luiz Beltrão de Andrade Lima João Sisino Corrêa Vilma Saldanha do Prado Lima
d) Comunicações e Transporte	Fôrça Aérea Brasileira João Batista Cavalcanti de Melo José Alberto Amora Azamor Câmara Areias
e) Agropecuária	Francisco Neves Brasileiro

5.0.7.3 - Administração de Postos

- | | |
|-----------------------------------|---|
| a) Organização e
Funcionamento | João Batista Cavalcanti de
Melo
João Fernandes Moreira
Lourival Cordeiro de Lucena
Manoel dos Santos Pinheiro |
| b) Normas de Adm.
Financeira | Paulo Diniz
Francelisio van der Broocke |
| c) Reembolsável | Lourival Cordeiro de Lucena
José Ivan Serra e Neves
Francelisio van der Broocke |
| d) Normas Admi-
nistrativas | João Oscar Henriques
José de Aguiar |

5.0.7.4 - Legislação Indígena

- | | |
|---------------------------|------------------------------|
| a) Aspectos Ge
rais | Romildo Carvalho |
| b) Patrimônio
Indígena | Álvaro Corrêa
Paulo Diniz |

5.0.7.5 - Sobrevivência na Selva

- | | |
|------------------------------|--|
| a) Aspectos Ge
rais | Fôrça Aérea Brasileira
Mateiros FUNAI |
| b) Combate a Ca
lamidades | Corpo de Bombeiros do DF |

6.0 - ESPECIFICAÇÕES DO CURSO

- 6.0.1 - Considerando a experiência de recrutamento já havida e as características dos candidatos a que se destina o "Curso Intensivo de Iniciação às Técnicas de Desenvolvimento para Comunidades Indígenas" fica estabelecido:
- a) regime de tempo integral;
 - b) capacitação de pessoal de nível médio;
 - c) caráter experimental da E.I.B. A experiência vivida irá ditando a melhor maneira de capacitar e por em ação recursos humanos preparados para o sertano-indigenismo.
- 6.0.2 - "O Que é a Escola de Indigenismo", define de um modo específico o elemento humano que se espera obter do curso. (Veja item 6.0.6)
- 6.0.3 - Foi preparado um "Texto Base" do Curso. Dêle consta material atualizado (em grande parte, pela primeira vez traduzido para o português) sobre "Indigenismo" em geral, e "Desenvolvimento Comunitário" em particular.
- 6.0.4 - Apostilas selecionadas para o "Texto Base":
- Manual de Sobrevivência (Ministério da Aeronáutica)
 - Escola de Indigenismo do Brasil - Local - Inauguração Órgão - Objetivos - Curriculm - Corpo Docente - Corpo Discente - Campo de Atuação do Curso Piloto.
 - Decreto 50.824, de 14 de julho de 1966, promulgando Convenção 107 (sobre populações indígenas e tribais)
 - Ficha pessoal do Indigenista
 - O que é a Escola de Indigenismo
 - As tarefas da proteção aos índios - O problema indígena brasileiro - Recomendação para a Ação Protecionista - A Política Indigenista Brasileira: Darcy Ribeiro
 - Presença da Igreja nas populações Indígenas (Encontro Fevereiro de 1968)
 - 1º Caso: No rastro das Rodas (Edward Spicer)
 - Como transpor as barreiras mentais (Morton Hunt)
 - 2º Caso: O milho e os costumes (Edward Spicer)
 - 3º Caso: Higiene (projeto CRESCER)
 - 4º Caso: A casa (projeto CRESCER)
 - 5º Caso: Economia (projeto CRESCER)
 - 6º Caso: Educação (projeto CRESCER)

- Elementos conceptuais para resolução de problemas humanos (Edward Spicer)
- Que tal a sua empatia? (John Lord Lagemann)
- Sugestões para estudo - lista de perguntas (Edward Spicer)
- Natureza do homem - Desenvolviemnto Social (Marvin P. Neto)
- O homem e o meio natural (Marvin P. Neto)
- Interação Social (Marvin P. Neto)
- Arranje tempo para pensar (Abade Ernest Dinnet)
- Qual o limite de sua mente? (Ardis Whitmann)
- Que é o gênio? (Robert L. Heilbroner)
- A memória e como conservá-la (Louis Cassels)
- Higiene da Habitação (Henrique Furtado Portugal)
- Educação Sanitária (Ralph Eichenberger)
- Manejo e uso do motor Archimedes (S.I.L.)
- A Língua Tribal (James Wilson)
- Instruções para fundar novos postos após a pacificação
- Instruções ao Inspetor Francisco Meirelles para os trabalhos de pacificação dos índios Xavantes
- Meirelles fala sôbre os Kaiapô - primeiros e últimos contatos com elementos civilizados
- Discurso do Secretário Executivo da FUNAI no encontro dos Delegados Regionais
- Dr. José de Queirões Campos, Presidente da FUNAI, expõe para a Comissão Parlamentar de Inquérito
- Índio - Indígena - Silvícola de 1a., 2a., 3a. categoria
- Decreto nº 5.484, de 27 de junho de 1928, regulando a situação dos índios
- Boletim Administrativo da FUNAI, de 11/11/68, com Portaria do Ministério do Interior, aprovando o Regimento Interno da FUNAI.

6.0.5 - Foi formada uma pequena biblioteca, que já se encontra na Ilha do Bananal. De seu acêrvo constam, entre outros volumes:

- Coleção das Edições SIA - Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agricultura
- Indians of South America
- A Política Indigenista Brasileira - Darcy Ribeiro
- Enciclopédia Bororo
- América Indígena

- Expedientes da FUNAI sôbre os mais diversos as suntos. Uma mostra de despachos e pareceres.
- Manual de Sobrevivência
- Mapa com áreas culturais
- Mapa com área linguística
- Mapa com grau de Integração
- Manual simples sôbre Prevenção, Sintoma, Diag
nóstico e Tratamento das Enfermidades Tropi-
cais.
- Manual de Educação Sanitária - Ralph Eichenber
ger
- Relatório do SPI - 1954
- Conclusões do I Simpósio Indigenista FUNAI-MIS
SÕES RELIGIOSAS.

6.0.6 - O QUE É A ESCOLA DE INDIGENISMO

A Escola de Indigenismo do Brasil é uma escola experimental. Isto no sentido de que a experiência é quem orientará nosso trabalho. Indigenismo e sertanismo são matérias vivas e como tudo que é vivo requer muita observação, muita vivência.

Você vai lidar com um campo muito rico de atividades. Você vai trabalhar, principalmente, com seres humanos. Seres estes que viviam até bem pouco em liberdade dentro de seus padrões culturais. Mas uma civilização diferente chegou e quer fazê-los a sua imagem e semelhança. E isso significa muitas vezes morte, desfiguração. Algo assim, como se os marcianos chegando a terra resolvessem mudar o dia e a noite. Eles poderiam estar precisando disso em Marte, quem sabe?

Você vai lidar, portanto, com um problema delicado. Muito humano também. Esse trabalho começa aqui, com tudo o que você já realizou. Trabalho de viver, de crescer com a comunidade. Trabalho que lhe consumirá tempo, esforço e perseverança. É você quem vai aprender. É você que vai aperfeiçoar-se. Ninguém pode aprender no seu lugar nem aperfeiçoar-se por você.

Vamos lhe ajudar da mesma maneira que um dia você deverá ajudar a uma comunidade indígena. Vamos ajudá-lo, não substituindo o seu esforço ou lhe dando aprendizagens já feitas. Ajudá-lo, criando condições para o seu trabalho, orientando-o nas suas dificuldades, procurando tornar produtiva a sua atividade. Não seremos paternalistas. Sua educação deve ser uma conquista pessoal, fruto de seu esforço consciente, e de sua livre iniciativa.

A sua escola não é um lugar onde você vem apenas receber. Ela é uma comunidade, são quase 30 colegas todos dentro de um plano comum: construir a escola, a comunidade, você.

Tudo aqui tem um sentido, tudo aqui tem um valor. Em toda racionalização do trabalho se coloca a necessidade de uma hierarquia de valores.

Aqui você terá liberdade de opção e iniciativa. Mas, no momento em que escolher, você estará engajado numa responsabilidade. Cada um de nós é um mundo. Cada um tem sua vocação e seus ideais. É preciso respeito ao outro e ao trabalho do outro. A disciplina surge da necessidade de um trabalho comum. Não deve ser algo que se impõe à toa. Ela tem um sentido: racionalizar o trabalho, permitir normas de ação.

Não vamos exigir de você. É você que exigirá de si mesmo. Você não será considerado aqui apenas um número. Você é você: um ser humano, original, insubstituível.

Não pensamos em ensinar o que você precisa aprender de cada matéria. O que pretendemos é algo mais válido e mais inteligente: ENSI NARMOS A VOCÊ A APRENDER SÔZINHO. Desejamos que você se torne capaz de, usando novas técnicas, continuar aprendendo quando não mais estiver conosco. Desejamos, que você aprenda aqui a concentrar o seu esforço pa ra oferecer à vida os compromissos que ela exigirá de você. Ao invés de lhe apresentarmos aprendizagens feitas, orientaremos você na aquisi ção de hábitos corretos de observação, reflexão, trabalho, pesquisa e consulta às fontes. A não ser caso muito raro, você terá aulas total mente EXPOSITIVAS. Aula para nós é uma ocasião para o trabalho indivi dual, criador. A verificação de seu trabalho envolverá uma visão comple ta dos seguintes aspectos: participação, capacidade de auto-orientação, iniciativa, esforço, sociabilidade, liderança, enfim, tudo o que você é, e tudo o que você faz.

A própria escola servirá como unidade didática onde você a prenderá: administração, direção colegiada, e todos os aspectos da vi da comunitária.

ÊSSE SERÁ O ESPÍRITO QUE ORIENTARÁ NOSSOS TRABALHOS.

Cabe a você uma parcela ponderável no sucesso e futuro da E.I.B. O futuro do Brasil Central e Amazônico. A sobrevivência e a par ticipação na cultura nacional das NAÇÕES INDÍGENAS.

MÃOS A OBRA

7.0 - CARACTERÍSTICAS DO CURSO

Número de bolsistas: 30 (trinta)

Duração: 4 (quatro) meses

Período: 1 de setembro a 31 de dezembro

Etapas: 2 (duas). Um mês de estágio e três de período letivo.

Período de estágio: 1 de setembro a 1 de outubro

Período letivo: 1 de outubro a 31 de dezembro

Tempo de h/aula: 60' (sessenta minutos)

Horário: 08:00 às 11:00 hs. e 15:00 às 17:00 hs.

Dias úteis: todos

Total de horas/aula previsto: 420 hs.

Número de unidades didáticas: 5 (cinco)

7.0.1 - Unidades didáticas e subdivisões:

a) Política Indigenista

1. Diretrizes Gerais

b) Desenvolvimento de Comunidades

1. Saneamento e Higiene

2. Comercialização

3. Agropecuária

4. Artes e Ofícios

5. Comunicações e Transportes

c) Administração de Postos

1. Organização e Funcionamento

2. Normas financeiras e escrituração contábil

3. Reembolsável

4. Normas administrativas

d) Legislação Indigenista

1. Aspectos Gerais

2. Legislação de Áreas

3. Patrimônio Indígena

e) Sobrevivência na Selva

1. Aspectos Gerais

2. Combate a calamidades

7.0.2 - <u>Número de Unidades: 5 (cinco)</u>	<u>Total h/aula/unid.</u>	<u>%</u>
a) Política Indigenista	20 hs.	4
b) Desenv. Comun.	300 hs.	71
c) Adm. de Postos	40 hs.	9
d) Legislação Indígena	10 hs.	2
e) Sobrev. na Selva	50 hs.	11
Total	420 hs.	

7.0.3 - A unidade Política Indigenista tem:

<u>Sub-unidades</u>	<u>Total h/aula/unid.</u>
a) Histórico da Política Indigenista	2 hs.
b) Noções de Antropologia Social	<u>18 hs.</u>
Total	20 hs.

7.0.4 - A unidade Desenvolviemnto de Comunidades tem:

<u>Sub-unidades</u>	<u>Total h/aula/unid.</u>
a) Saneamento e Higiene	120 hs.
b) Comercialização	10 hs.
c) Agropecuária	30 hs. (*)
d) Artes e Ofícios	30 hs.
e) Comunicações e Transportes	<u>10 hs.</u>
Total	200 hs. com mais 100 hs p/extensão de campo = = 300 horas

7.0.4.1 - Para a sub-unidade Saneamento e Higiene é previsto:

a) Noções sobre prevenção de doenças	5 hs
b) Medidas de saneamento (água, dejetos, lixo, habitação)	30 hs
c) Alimentação	25 hs
d) Primeiros socorros	10 hs
e) Assistência ao recém nascido	5 hs
f) Educação sanitária	<u>35 hs</u>
Total	110 hs com mais 10 hs p/ eventualidades = 120 horas.

7.0.4.2 - Para a sub-unidade Comercialização dos Produtos Indígenas é previsto:

a) Organização de Reembolsável	10 hs
--------------------------------	-------

7.0.4.3 - Para a sub-unidade Agropecuária é previsto:

a) Fruticultura (enxertia)	10 hs
b) Horticultura (adubo)	10 hs
c) Avicultura	5 hs

- | | |
|--|------|
| d) Apicultura | 5 hs |
| e) Introdução do cavalo na vida econômica indígena | (*) |
| f) Exploração do bovino na vida econômica indígena | (*) |

(*) Será utilizada parte das 100 horas extras previstas no item 7.0.4. - c.

7.0.4.4 - Para a sub-unidade Artes e Ofícios é previsto:

- | | |
|--|-------------|
| a) Pesca (recursos naturais - exploração e conservação) | 15 hs |
| b) Olaria (montagem e utilização) | 5 hs |
| c) Melhoramento do lar (culinária regional, costura) | 3 hs |
| d) Artesanato (orientação geral, barro, fibras, plumária, madeira).
Artíndia-diretrizes gerais. | <u>7 hs</u> |
| TOTAL | 30 hs |

7.0.4.5 - Para a sub-unidade Comunicações e transporte é previsto:

- | | |
|---------------------|-------------|
| a) Radiocomunicação | 6 hs |
| b) Campo de aviação | 1 h. |
| c) Vias de acesso | <u>3 hs</u> |
| TOTAL | 10 hs |

8.0 - VERIFICAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR

- 8.0.1 - Todo sistema de verificação é resultante de uma pedagogia adotada. Ele pode ser usado como instrumento para coagir, motivar ou disciplinar o aluno, transformando o professor num bedêu, num fiscal. O aluno passa a ser vítima de um sistema "maniqueu-negativista", derivando seu interesse para a nota, em detrimento da aprendizagem. Transferir à nota as atribuições do professor, é dar um atestado de falência ao sistema.
- 8.0.2 - Ficou dito no item 3.0.7 - f "O educando aprende incorporando um método; ao mesmo tempo que um conhecimento". O método assume uma importância enorme no preparo do futuro técnico.
- 8.0.3 - A E.I.B. vai preparar um "técnico indigenista" capaz de:
- a) orientar uma comunidade ativa;
 - b) apreciar seu potencial de trabalho e aprendizagem;
 - c) saber ensinar sem estorvar a iniciativa e a criatividade;
 - d) favorecer o auto-desenvolvimento.
- 8.0.4 - Na verificação do rendimento escolar é preciso ter em conta o estabelecido no item 3.0 - Método de Ensino.
- 8.0.5 - A verificação não deve:
- a) Tolher a iniciativa e a criatividade a qualquer pretexto.
 - b) Se voltar para os aspectos negativos em detrimento dos positivos.
 - c) Ser usada com instrumento para motivar ou disciplinar o aluno.
 - d) Se preocupar excessivamente com erros e falhas que decorrem de um trabalho livre. É preferível correr o risco de errar favorecendo a liberdade, a iniciativa e a criatividade, a aparentemente acertar, limitando o auto-desenvolvimento, a alegria, o esforço e a vontade do homem. É acertando e errando que se aprende.
- 8.0.6 - A formalização do rendimento dos trabalhos na E.I.B. assumirá mais um aspecto de orientação individual e coletiva através de comentários e sugestões escritas, do que de notas e conceitos. A ficha roteiro "FR", será o elemento principal de uma avaliação detalhada.
- 8.0.7 - O número de "FRs" realizadas e arquivadas por assunto oferece:
- a) visão completa dos trabalhos;

- b) centros de interêsse;
- c) credencial para o candidato.

- 8.0.8 - O objetivo último da verificação, não é reprovar, mas formular aquilo que possa favorecer e melhorar o trabalho do candidato.
- 8.0.9 - Fica estabelecido como norma, que toda apreciação que envolva o trabalho e a vida escolar ou não, de qualquer elemento do corpo docente ou discente, terá que ser feita por escrito, dando-se de imediato ciência, por cópia, à parte interessada.
- 8.1.0 - Qualquer representação contra um membro da comunidade escolar deve ter em conta o estabelecido no item anterior e o direito de defesa por parte do acusado.
- 8.1.1 - O princípio hierárquico de encaminhamento de expedientes deve ser norma de trabalho.
- 8.1.2 - Os itens anteriores - 8.0.9, 8.1.0 e 8.1.1 - ficam como "questão de princípio" para a boa execução e disciplina do trabalho. A violação desses princípios representa uma ameaça a E.I.B., e implicará no afastamento imediato do responsável pela infração.

9.0 - CERTIFICADO DE CONCLUSÃO

- 9.0.1 - O certificado de conclusão, ou diploma, será a "Fôlha de Serviço" (FS) do candidato.
- 9.0.2 - Nela constará, em síntese, a vida, o trabalho e o progresso feito durante o curso.
- 9.0.3 - As razões da adoção da "FS" são as seguintes:
- a) A "FS" traduz a real situação do candidato em relação a muitos aspectos de sua vida.
 - b) A "FS" permite a aferição, nas devidas proporções do aproveitamento obtido pelo candidato. Essa aferição é feita tendo em vista, basicamente, o progresso conseguido pelo candidato em relação a si mesmo, durante todo o tempo.
 - c) A "FS" é um instrumento vivo, sempre em processo de atualização.
 - d) A "FS" evitará os aspectos anti-pedagógicos. A emulação deve ser feita por uma plena realização e não por notas.
- 9.0.4 - A concessão do crédito de "Técnico Indigenista" (veja item 4.0 - 4a. etapa - Verificação Final) que constará da "FS" do candidato, conferirá ao seu portador prioridade no provimento de funções afins dentro da FUNAI, em virtude da comprovada categoria de técnico especialmente treinado.
- 9.0.5 - Após uma ano de exercício com salário equivalente ao de Chefe de Pôsto Indígena, o formando é enquadrado pela FUNAI, como "Técnico Indigenista", com salário superior ao de "Chefe de Pôsto Indígena".

10.0 - CUSTO DE TREINAMENTO PARCIALMENTE PREVISTO

- 10.0.1 - O aspecto físico-quantitativo do Projeto, terá que ser feito, conjuntamente, com o do "Plano Integrado de Desenvolvimento Comunitário Para a Área Indígena do Araguaia" (itens 1.0.3, 2.0.5, 2.0.6, 2.0.8, 4.0.3, 14.0.3, 15.0.1 e 15.0.3).
- 10.0.2 - A "sala de aula" da Escola de Indigenismo do Brasil será o "Plano Integrado de Desenvolvimento Comunitário Para a Área Indígena do Araguaia".
- 10.0.3 - Crédito para aquisição de material escolar NCr\$ 20.000,00
- 10.0.4 - Consta de relação anexa, as especificações de material escolar já adquirido, num total de NCr\$ 13.370,00
- 10.0.5 - As despesas constantes na fôlha 38, serão efetuadas na compra de gêneros alimentícios, na semana anterior ao período letivo, devendo somar NCr\$ 6.630,00
- 10.0.6 - Os bolsistas terão ajuda de custo no valor de NCr\$ 100,00 (cem cruzeiros novos) mensais correspondentes a duração do curso (4 meses), totalizando NCr\$ 12.000,00

Especificação-3.1.4.0.-405	Unid.	Quant.	Valor Unitário	Total
Caneta Esferográfica Azul	uma	15	0,37	5,55
Caneta Esferográfica preta	uma	10	0,37	3,70
Caneta Esferográfica vermelha	uma	5	0,37	1,85
Pincel Atômico	um	5	1,13	5,65
Cadernos	um	100	0,49	49,00
Borracha	uma	24	0,12	2,88
Giz Escolar	ex.	10	1,10	11,00
Régua Plástica	uma	40	0,27	10,80
Lápis preto	um	72	0,06	4,32
Lápis bicolor	um	72	0,11	7,92
Livro de Atas	um	5	7,20	36,00
Giz branco	ex.	5	0,64	3,20
Papel Rascunho	bloco	50	0,19	9,50
Cartolina	fôlha	60	0,20	12,00
Araldite	tubo	3	2,00	6,00
Cola-tudo	vdo.	3	0,80	2,40
Mosquiteiros p/rêde	um	40	22,00	880,00
Toalhas de banho	uma	80	6,75	540,00
Cobertor de lã	um	40	16,50	660,00
Filtro p/água	um	3	25,00	75,00
Frigideira	uma	1	10,00	10,00
Faca peixeira p/cozinha	uma	2	3,40	6,80
Prato fundo	um	30	1,80	54,00
Canecas nº 8	uma	30	1,40	42,00
Espumadeira	uma	2	4,90	9,80
Cantil de água - borracha	um	20	11,00	220,00
Copo de vidro	um	36	0,25	9,00
Bolas p/esportes diversos	-	-	500,00	500,00
Pilhas p/lanternas	uma	120	0,60	72,00
Vassoura de piassava	uma	10	3,20	32,00
Lanterna de 4 elementos	uma	2	24,00	48,00
Lanternas	uma	20	5,50	110,00
Corda 3/4	quilo	20	1,80	36,00
Máquina de costura	uma	1	312,80	312,80
Barraco Bandeirante	um	1	850,00	850,00
Pia de 1,20x0,60	uma	2	72,00	144,00
Caixa de descarga	uma	3	25,00	75,00
Vasos sanitários	um	3	28,00	84,00
Caldeirão de 5 litros	um	3	12,80	38,40
Espumadeira-grande	uma	2	3,00	6,00
Concha de alumínio	uma	2	3,00	6,00

Especificação	Unid.	Quant.	Valor Unitário	Total
Frigideira	uma	2	4,00	8,00
Panela de pressão	uma	2	42,00	84,00
Caldeirão nº 35	um	1	42,10	42,10
Caçarola nº 40	uma	2	40,62	81,24
Chaleira nº 27	uma	2	25,04	50,08
Caçarola nº 24	uma	4	17,58	70,32
Prato esmaltado	um	30	1,25	37,50
Coador p/café	um	6	1,00	6,00
Faca inox. p/mesa	uma	30	1,65	49,50
Panela alumínio nº 28	uma	2	49,50	99,00
Panela de pressão	uma	1	35,00	35,00
Garrafa térmica	uma	2	8,00	16,00
Concha de alumínio - grande	uma	2	6,50	13,00
Garrafa plástica	uma	6	1,28	7,68
Filtro p/água	um	3	26,50	79,50
Garfos	um	30	0,70	21,00
Caldeirão nº 35	um	1	43,80	43,80
Fogão - querosene	um	2	8,50	17,00
Armário de aço	um	2	250,00	500,00
Bolas	-	-	70,00	70,00
Serrote - 30 cm.	um	1	9,80	9,80
Martelo de ponta	um	1	9,80	9,80
Verruma trado	um	1	10,20	10,20
Facão collins	um	1	14,50	14,50
Martelo	um	1	5,20	5,20
Formão 1/4"	um	1	2,00	2,00
Formão goivo 3/4"	um	1	3,70	3,70
Formão 1"	um	1	3,20	3,20
Machado 3 1/2"	um	1	6,20	6,20
Pá de Bico	uma	1	3,90	3,90
Colher p/horticultura	uma	6	1,50	9,00
Ponteiro p/pedreiro	um	1	1,50	1,50
Talhadeira "grande"	uma	1	2,00	2,00
Talhadeira "pequena"	uma	1	1,00	1,00
Arame de aço	Kg	20	0,30	6,00
Formão "1/2"	um	1	3,00	3,00
Arco de pua	um	1	18,00	18,00
Esquadro p/carpinteiro	um	1	6,00	6,00
Escala de madeira	uma	1	3,30	3,30
Lima "8"	uma	5	5,70	28,50
Enxada - 3 libras	um	2	4,00	8,00

Especificação	Unid.	Quant.	Valor Unitário	Total
Enxada 2 1/2 libras	uma	2	3,50	7,00
Facão	um	9	3,80	34,20
Facão 12"	um	10	2,80	28,00
Lima KF 8"	uma	5	3,50	17,50
Tela de arame	mt.	50	2,50	125,00
Machado 3 1/2 libras	um	4	6,00	24,00
Torquês	uma	1	2,00	2,00
Serrote	um	1	14,50	14,50
Plaina nº 4	uma	1	60,00	60,00
Tesoura p/podar	uma	1	9,50	9,50
Foice grande	uma	1	3,80	3,80
Colher de pedreiro	uma	1	3,20	3,20
Martelo	um	1	3,80	3,80
Prumo	um	1	7,50	7,50
Alicate	um	1	6,00	6,00
Jôgo de Ferro de Pua	um	1	36,00	36,00
Nível alumínio	um	1	12,00	12,00
Tela de arame	mt.	25	3,80	95,00
Perfurador de papel	um	1	13,60	13,60
Grampeador Rapid	um	1	127,00	127,00
Saco Rolha	um	5	1,00	5,00
Moinho p/café nº 3	um	2	19,00	38,00
Abridor de latas	um	5	0,50	2,50
Câmara de Ar 26 p/bicicleta	uma	10	4,90	49,00
Câmara de Ar Aro 20 p/bicicleta	uma	6	4,90	29,40
Pneu Aro 20	um	5	10,97	54,85
Pneu Aro 26	um	5	10,40	52,00
Bebedouros p/pássaro	um	4	15,00	60,00
Regador	um	1	4,10	4,10
Fita vinílica 1/4"	tubo	15	5,10	76,50
Fita vinílica 3/8"	tubo	15	5,88	88,20
Apagador	um	2	0,94	1,80
Bicicletas p/carga	uma	3	350,00	1.050,00
Carros de mão	um	2	40,00	80,00
Gravador Dymo	um	1	136,00	136,00
Pedra Esmeril	uma	2	7,00	14,00
Liquidificador	um	1	105,00	105,00
Bicicleta Monark	uma	2	212,50	425,00
Linha de nylon nº 40	carro	50	1,20	60,00
Linha de nylon nº 220	carro	10	7,50	75,00
Anzol nº 1	um	200	0,03	6,00

Especificação	Unid.	Quant.	Valor Unitário	Total
Anzol nº 8	um	200	0,03	6,00
Anzol nº 9/10	um	100	0,14	14,00
Anzol nº 3/10	um	200	0,04	8,00
Estôjo p/Reparo de Câmara	um	2	2,00	4,00
Câmara Aro 26	uma	4	5,90	23,60
Bomba de Ar	uma	1	18,00	18,00
Rêde p/pesca 10 mts.	uma	1	25,00	25,00
Tarrafa de Nylon	uma	1	57,00	57,00
Samburá nº 2	um	1	12,70	12,70
Escôva de dentes	uma	30	0,20	6,00
Pasta dentríficia	uma	120	0,30	36,00
Sabonetes	um	480	0,40	192,00
Toalhas de banho	uma	60	5,00	300,00
Calções	um	60	5,00	300,00
Camisas	uma	60	10,00	600,00
Quetes	um	30	10,00	300,00
Meia	Par	60	2,00	120,00
Calças brim	uma	60	10,00	600,00
Cigarro	maço	1.600	0,70	1.120,00
Gilete	pte	60	5,00	300,00
Rêdes	uma	30	30,00	900,00
Cobertores	um	60	10,00	600,00
Chinelos havaianos	um	30	2,50	75,00
Barras de sabão de côco	um	360	0,20	72,00
Fósforo	cx.	3.600	0,35	126,00

Especificação	Unid.	Quant.	Valor Unitário	Total
Arroz	saco	18	45,00	810,00
Feijão	"	3	100,00	300,00
Xarque	cx.	1	450,00	450,00
Farinha	saco	15	20,00	300,00
Açúcar	saco	2	34,00	68,00
Cafê	saco	30	7,50	225,00
Macarrão	Kg.	240	1,00	240,00
Carne	Kg.	720	1,00	720,00
Peixe	Kg.	720	0,50	360,00
Óleo	Kg.	36	2,00	72,00
Margarina	Kg.	60	4,00	240,00
Cebola	Kg.	60	0,70	42,00
Pimenta do Reino	Kg.	4	10,00	40,00
Tempêros diversos	Kg.	8	10,00	80,00
Doce em barra	Kg.	240	1,00	240,00
Batata inglesa	Kg.	360	1,00	360,00
Alho	Kg.	50	4,50	225,00
Pães	um	3.600	0,50	1.800,00
Vinagre	litro	60	0,75	45,00
Bombril	Pte.	40	0,27	10,80
Ajuda de custo p/bolsista	um	120	100,00	12000,00

11.0 - DISPOSIÇÕES FINAIS

- 11.0.1 - Fica estabelecido que o processo de seleção, (veja item 4.0) será rigorosamente cumprido.
- 11.0.2 - Fica estabelecido, que nenhum aluno pode ser desviado da E.I.B. para atividades não previstas neste Projeto.
- 11.0.3 - Entre os alunos formados na primeira turma, será escolhido pela E.I.B. um Coordenador do "Primeiro Plano Integrado de Desenvolvimento Comunitário" para a área Indígena do Araguaia.
- 11.0.4 - Todo apoio deve ser prestado ao diretor da E.I.B. pela direção da FUNAI. Na direção de uma escola, ou de uma comunidade se coloca, funcionalmente, a necessidade de dar irrestrito crédito de confiança com plenos poderes. Não pode haver meio termo, sob pena de se comprometer o bom andamento dos trabalhos: ou se substitui o diretor ou se confia nele.
- 11.0.5 - O Diretor da E.I.B. de acordo com o art. 153 § 30 da Constituição em vigência, representará contra toda interferência que venha prejudicar o andamento dos trabalhos.
- 11.0.6 - Fica estabelecido que todo material da E.I.B., será controlado por um almoxarife designado pelo Departamento de Administração.
- 11.0.7 - O nome escolhido para a escola foi "Escola de Indigenismo do Brasil" tendo em vista capitalizar todo o esforço da FUNAI e a atenção do Governo.

12.0 - CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO CURSO

12.0.1-0 Cronograma será muito flexível, obedecendo no entanto, as diretrizes gerais estabelecidas:

- a) a proporcionalidade especificada no item 7.0.2.
- b) Os prazos previstos no item 4.0.
- c) As unidades didáticas (ver item 7.0.2) terão seu desenvolvimento num relacionamento e numa sequência que será estabelecida após a primeira semana de período letivo. O planejamento será falho se estabelecido "a priori".

13.0 - PROGRAMA DAS UNIDADES

Os programas seguintes servem como ilustração:

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS

PROGRAMA

1. Pequeno histórico da política indigenista
 - 1.1 - Colonial
 - 1.2 - Republicana
 - 1.3 - Atual
2. Organização e desenvolvimento
 - 2.1 - Aspectos educacionais
 - 2.2 - Aspectos econômicos
 - 2.3 - Aspectos sanitários
3. Aspectos educacionais
 - 3.1 - Mobilização inicial das comunidades
 - 3.2 - Trabalho junto às lideranças indígenas: formação de grupos de promoção
 - 3.3 - Educação de grupos naturais da comunidade:
 - 3.3.1 - adolescentes e adultos
 - 3.3.2 - população infantil
4. Aspectos econômicos
 - 4.1 - setor agropecuário
 - 4.2 - artesanato
5. Saúde e saneamento
 - 5.1 - setor sanitário

Tempo de aplicação do programa: uma semana com uma hora diária de aula.

Atividades de ordem prática:

- a) visitas com os alunos à aldeia Carajá;
- b) conversas com os alunos fora das aulas;
- c) estudo dirigido (se possível).

Objetivos:

- a) proporcionar às comunidades constituídas por índios já em estágio de relativa integração na sociedade brasi

leira, orientação para se organizarem e se desenvolverem com base no seu próprio esforço e aspirações (auto promoção):

- b) propiciar que a integração na sociedade maior prossiga num clima de profundo respeito e valorização das culturas tribais (atitude de diálogo), possibilitando assim, real e profícua contribuição das comunidades indígenas àquela sociedade, à medida que os índios se orientem criticamente em relação aos valores e demais criações de sua cultura e da cultura nacional, durante o seu processo de autopromoção.

Ney Land
Assistente do DEP

PROGRAMA DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA
A CARGO DA FUNDAÇÃO SESP

- I - LOCAL: Santa Isabel do Morro
- II - PERÍODO:
- III - GRUPO: 30 alunos de nível ginásial
- IV - RESPONSÁVEIS: Uma equipe de saúde constituída de: um educador sanitário, uma nutricionista, uma enfermeira e um inspetor de saneamento.
- V - OBJETIVOS DO PROGRAMA
1. Fornecer aos jovens informações relacionadas com higiene individual, alimentação, saneamento básico e educação sanitária.
 2. Familiarizar o grupo com a metodologia indicada no planejamento e no encaminhamento de programas de instrução de grupos e de projetos de educação sanitária que envolvam a comunidade.
 3. Familiarizar o grupo com a prática de medidas relacionadas com melhorias sanitárias domiciliares.
 4. Familiarizar o grupo com medidas sanitárias relacionadas com a prevenção de doenças através das imunizações e dos cuidados pessoais complementares.
 5. Familiarizar o grupo com preparações alimentares e cuidados higiênicos correlatos.
- VI - ATIVIDADES
1. Desenvolvimento de um programa prático para fornecimento de noções básicas indispensáveis sobre saúde e educação.
 2. Levantamento de hábitos e costumes da comunidade em torno do aspecto saúde, tabus e credices.
 3. Sessões de estudo sobre temas de saúde, previamente, escolhidos.
 4. Reuniões para discussões de problemas ou aspectos de saúde, fornecidos pelos jovens.
 5. Sessões práticas para treino de palestras, reuniões, dramatizações, entrevistas, etc.
 6. Sessões práticas para treino na confecção de ajudas visuais.
 7. Sessões para planejamento de programas de instrução para grupos e de projetos de educação sanitária.
 8. Sessões práticas relacionadas com a construção de privadas, lavatórios, banheiros e filtros.

9. Sessões práticas para aprendizagem de preparações alimentares.
10. Sessões práticas com demonstrações sobre: técnica de vacinação antivariólica; cuidados com objetos de uso individual; cuidados com a água de beber e com a louça; asseio do corpo e limpeza da habitação.

VII - ÁREAS DO PROGRAMA E NÚMERO DE HORAS PARA CADA ÁREA

1. Apresentação do programa	1	hora
2. Noções gerais sobre Saúde Pública	1	hora
3. Saneamento	26,5	horas
4. Alimentação	23,5	horas
5. Educação Sanitária	34,5	horas
6. Higiene Individual	7,5	horas

VIII - DISTRIBUIÇÃO DAS ÁREAS DURANTE O PERÍODO DE

1. Primeira semana

a) Apresentação do programa	1	hora
b) Noções gerais sobre Saúde Pública	1	hora
c) Saneamento	7,5	horas
d) Alimentação	6	horas
e) Educação Sanitária	8,5	horas

2. Segunda semana

a) Saneamento simultaneamente	14	horas
b) Alimentação		
c) Educação Sanitária	14	horas

3. Terceira semana

a) Alimentação	3,5	horas
b) Saneamento	5	horas
c) Higiene Individual	7,5	horas
d) Educação Sanitária	12	horas

4. Total de dias 12

5. Dias da semana De segunda a quinta-feira (de manhã à tarde).

IX - HORÁRIO (ver anexo)

X - ASSUNTOS A SEREM DESENVOLVIDOS TEÓRICA E PRÁTICAMENTE

1. As necessidades e os problemas de saúde do indivíduo, da família e da coletividade. Como as pessoas encaram esses problemas e necessidades.

2. Saúde e educação - conceitos e objetivos. Comportamento sanitário formação e mudança. Como as pessoas aprendem; métodos de mudança.
3. Importância da alimentação no desenvolvimento do ser humano. A alimentação da criança nas diversas idades. Alimentação do adulto. Alimentação da gestante. Alimentação da comunidade - produção e utilização de alimentos. Tabus alimentares.
4. Saúde da comunidade e saneamento básico. Abastecimento de água e destino dos dejetos. Equipamento sanitário do miciliar.
5. Saúde da comunidade: a prevenção de doenças através das imunizações. Medidas complementares: asseio corporal, limpeza de habitação e cuidados com os alimentos.
6. Organização da comunidade na solução de problemas de saúde tais como: construção de privadas e instalação de laboratórios, banheiros e filtros. Ação da liderança local.
7. Informação de saúde para a comunidade. Programas de instrução para grupos (gestantes, mães, parteiras - curiosas, etc.). Programas de divulgação - aproveitamento dos recursos locais de difusão; participação - dos líderes.
8. Escola e educação sanitária da comunidade. Papel do professor. Importância do entrosamento entre professôres e pais.

PROGRAMA DE ARTES E OFÍCIOS

SUB-UNIDADE: PESCA

1. Recursos Naturais - exploração e conservação
 - 1.1 - Flora
 - 1.2 - Fauna
 - 1.2.1 - Ictiofauna
2. Processos de Pesca
 - 2.1 - Móveis
 - 2.1.1 - Rêdes, linhas, covos, caniço, tarrafa, arpão ...
 - 2.2 - Flutuantes
 - 2.2.1 - Rêdes, boias
 - 2.3 - De arrasto
 - 2.3.1 - Rotenona, pari, cal, arapuã, etc.
3. Conservação de Pescado
 - 3.1 - Salga e salgadeiras
 - 3.2 - Moqueamento
 - 3.3 - Frio
4. Mercados
 - 4.1 - Exigências da espécie
 - 4.2 - Óleo e farinha fosfatada para alimentação
5. Pesca com anzol
 - 5.1 - Peixes, grozeira ou espinhal, tamanho dos anzóis, iscas, locais preferidos conforme a espécie de peixe. Como encastoar; chumbadas e arames.
6. Pesca com rêde e tarrafa
 - 6.1 - Tipo e número, de nylon; dimensões na altura, comprimento e malhas; bóias, chumbadas e cordas. Remendos. Uso em locais com fundo de pedra ou areia.
7. Confecções de rêdes e tarrafas
 - 7.1 - Nós, malhas e suas dimensões conforme o peixe, corda, bóias, chumbadas, agulhas.
8. Processos de pesca não recomendáveis
 - 8.1 - Com rotenona (timbô, tingui, arapuã, dinamite)
 - 8.2 - Pari
9. Observações
 - 9.1 - Aproveitamento das lagoas como reservatórios de peixes.

14.0 - CONSIDERAÇÕES GERAIS

- 14.0.1 - Na elaboração desse Projeto Pilôto foi levado em devi do aprêço, a simplicidade de linhas para sua execu ção.
- 14.0.2 - Elementos que já se encontram reunidos e prontos para sua execução:
- a) Vinte e oito estagiários bolsistas na área do Ara guaiá com alguma vivência junto a comunidades indí genas e prontos para a 3a. Etapa (ver item 4.0-3a. Etapa).
 - b) O corpo docente
 - c) As instalações em Santa Isabel do Morro para a escola.
 - d) O material básico para a vida e o trabalho escolar. Todo material didático já se encontra na escola.
 - e) O ambiente: todos os bolsistas esperam com ansieda de a Escola de Indigenismo.
- 14.0.3 - O "Primeiro Plano Integrado de Desenvolvimento Comuni tário para a Área Indígena do Araguaia", deve ser elaborado e aprovado antes do início da E.I.B. Não se justifica mais hoje em dia, o desperdício de recursos humanos e materiais por falta de coordenação nas suas interrelações e dependência, unidade de objetivos e propósitos.
- 14.0.4 - A FUNAI com a execução do previsto no item anterior conseguirá:
- a) Ser bem sucedida numa determinada área, obtendo um crédito de confiança para trabalho mais amplo.
 - b) Essa área se encontra perto de Brasília, do centro de decisões.
 - c) A área escolhida tem certo limite e apresenta faci lidades logísticas, certa homogeneidade sócio- econômica, étnica, ecológica, linguística.
 - d) O objetivo é limitado, convergindo todo o ataque para uma sô frente de trabalho. Haverá unidade de propósitos e solução de continuidade.
 - e) Santa Isabel do Morro, o centro desse programa, é uma das bases da FUNAI com a melhor infra -estrutu

ra montada: Hospital do Índio, Reembolsável, olaria, serraria, rádio-comunicações, base aérea da FAB, rodovia, comunicação fluvial, atividade agropecuária, facilidades habitacionais, aldeia indígena.

14.0.5 - O "efeito multiplicador" de uma experiência como a da E.I.B. será, indubitavelmente, enorme.

15.0 - ATO CRIANDO O "CITD", O "PIDA" E A E.I.B.

(MINUTA DE PORTARIA)

- 15.0.1 - Cria o "Curso Intensivo de Iniciação às Técnicas de Desenvolvimento para Comunidades" (CITD), o "Primeiro Plano Integrado de Desenvolvimento Comunitário para a Área Indígena do Araguaia" (PIDA) e a Escola de Indigenismo (E.I.B.) .
- 15.0.2 - Fica criado o primeiro "CITD", tendo como sede ope
racional Santa Isabel do Morro, com o objetivo de preparar técnicos indigenistas destinados ao "Primei
ro Plano Integrado de Desenvolvimento Comunitário pa
ra a Área Indígena do Araguaia".
- 15.0.3 - O "CITD", o "PIDA" e a "E.I.B." são elementos cons
titutivos de uma ação integrada visando concentrar
recursos humanos e materiais numa área com certos li
mites, e que apresenta certa homogeneidade sócio- e
conômica, étnica, ecológica e facilidades logísti
cas.
- 15.0.4 - O estatuto e o regimento do "CITD", do "PIDA" e da
E.I.B. obedecerão às linhas do Projeto Pilôto.

.....
.....

16.0 - A N E X O S

- a) Duas apostilas sôbre "Desenvolvimento Comunitário"
- b) Apreciação sôbre estagiários.
- c) Relatório de um bolsista sôbre suas experiências nu
ma comunidade.

NO RASTRO DAS RODAS - a introdução da carroça aos índios Papagos do Arizona do Sul.

Wesley L. Bliss
(Tradução de Myriam W.P. Netto)

1. O PROBLEMA

Assim, como os outros índios americanos, os Papagos do Arizona do Sul nada sabiam acêrca da roda e do seu uso até a chegada do homem branco. Relativamente isolados em território deserto, eles só iniciaram o uso de veículos com rodas pouco antes de 1.900. A sua adoção foi em parte consequência de um programa intensivo e intencional realizado pelo United States Bureau of Indian Affairs. O programa foi bem sucedido e seus efeitos atingiram com bom resultado os mais simples afazeres na vida diária daquelas vilas do deserto.

Os agentes dos índios haviam previsto que os Papagos encontrariam uso para as carroças, mas do que se sabe, não houve uma previsão oficial de longo alcance para tōda a sêrie de alterações o corrida na vida dos Papagos, por quanto, a introdução da carroça não havia sido incluída no planejamento para os índios.

Quais as mudanças imediatas que poderiam ser esperadas na vida daquelas vilas do deserto, com a introdução da carroça em tōrno de 1.900?

2. O DESENROLAR DOS ACONTECIMENTOS

a) Foram os missionários espanhóis que tiveram o primeiro contato com os índios Papagos em 1.687. Os missionários, os soldados e alguns colonos que ali chegaram mais tarde, trouxeram ferramentas, gado, cavalos, trigo e outras sementes da Europa, além do cristianismo e idéias de organização política e militar. Os cavalos foram usados para montaria e como animais de carga; se trouxeram veículos de roda, o fato não foi registrado.

b) Depois de 200 anos apōs o primeiro contato intensivo com os missionários jesuítas, os Papagos continuaram suas vidas como antes, sendo muito pouco atingidos pela influência espanhola no Novo Mundo. Os efeitos dêsse contato não foram semelhantes aos ocorridos mais para o sul, no México. Os espanhóis pouco se interessaram por êste território deserto, tendo sua influência recaído apenas até as

margens do território sul e leste dos índios Papagos. Alguns dos índios Papagos mudavam-se para estas vilas, ficando junto às igrejas da missão por períodos variáveis, durante os quais aprenderam algumas técnicas novas em agricultura e novos produtos agrícolas. Mas de um modo geral a vida das vilas do deserto continuava tal como havia sido há séculos passados.

c) Em meados do século XIX, com a chegada dos anglo-americanos ao sul do Arizona, após o término da guerra com o México, uma nova fase se iniciou para os Papagos. Eles aliaram-se aos americanos contra seus velhos inimigos, os Apaches, e prestaram valiosos serviços na pacificação e no estabelecimento das fronteiras com os Apaches.

d) Os agentes do Bureau of Indian Affairs, que haviam tido os primeiros contatos com os Papagos em 1.860, mostraram-se profundamente preocupados com o atraso dos índios e um esforço foi feito no sentido de auxiliá-los. Impressionados com a falta total de utensílios de uso diário, os agentes compreenderam que uma das primeiras medidas a serem tomadas era a de fornecerem, gratuitamente, facas, pás e outros implementos agrícolas.

e) Posteriormente, foi lançado um plano que se propunha a dar uma carroça a quem concordasse em construir uma casa de adobe no estilo mexicano, em vez das tradicionais casas de palha dos Papagos. Muitas famílias em cuja vila se havia instalado o agente dos índios na fronteira leste do território dos Papagos, corresponderam positivamente ao plano e durante os anos que se seguiram receberam carroças novas.

f) A maioria dos Papagos viviam afastados, longe bem a oeste da vila em que morava o agente e por este motivo não tomaram conhecimento do plano e não foram beneficiados pelo primeiro programa, de modo que somente nas vilas do leste do território Papago as carroças entraram em uso.

Em 1.890 o programa já havia sido mudado. Não era mais necessário que o interessado numa carroça construísse uma casa em estilo mexicano, para adquiri-la bastava dirigir-se ao agente e através de um modo conveniente de pagamento o interessado podia obtê-la.

g) Três irmãos do chefe da aldeia chamada Choulik, 60 milhas a oeste da vila onde residia o agente, haviam se empregado como operários na construção da estrada de ferro Southern Pacific Railroad. Desta forma eles estreitaram seus contatos com os anglo-americanos e com os veículos que haviam surgido ao longo da estrada de ferro.

h) Quando os irmãos tomaram conhecimento da oferta do agente, êles persuadiram o chefe a pedir uma carroça. Cêrca de um ano apôs o pedido, o agente comunicou que havia uma carroça à disposição dêle. O chefe cavalgou até a agência e foi suprido com uma carroça resistente e arreios para uma parelha de cavalos. Êle regressou para a aldeia dirigindo a carroça.

i) A carroça foi posta imediatamente em uso e continuou a ser usada durante muitos anos, até se desgastar completamente. Era o início da introdução vitoriosa de carroças em tôdas as vilas da área vizinha de Choulik.

3. FATÔRES RELEVANTES

A maneira de viver dos Papagos consistia na combinação da caça e da colheita de frutos e plantas silvestres (frutas de cactus e vagens de algaroba), além de possuírem pequenas roças ao longo de arroios intermitentes na época das águas. A introdução do gado pelos espanhóis foi uma melhoria na vida dos Papagos, ajudando na sua subsistência; os índios os deixaram soltos a fim de procurarem pastagens onde houvesse, depois então eram caçados como se fôssem animais selvagens. Embora fôssem poucos os cavalos e mulas trazidos para a região, os cavalos multiplicaram-se através dos anos. No início, eram as vêzes usados como comida, mas a partir de 1.900 passaram de um modo geral a ser empregados como animais de carga e montaria.

Os Papagos possuíam métodos próprios de preparar seus cavalos de carga. Êles faziam as cangalhas com dois alcochoados de forma cilíndrica tecidos com palha de trigo e fibras (imbira) unidos com tiras de couro de modo a ficat um de cada lado do lombo do cavalo. A mercadoria a ser transportada era colocada em surrões ou alforjes tecidos em couro cru, colocados sôbre as cangalhas. O animal carregado, ainda levava um cavaleiro. A maioria das aldeias na vizinhança dos Choulik possuíam em 1.900, no mínimo uma pequena tropa, sendo que normalmente cada família tinha um ou dois animais.

Os índios normalmente mudavam suas residências de a côrdo com as estações. Durante os meses de inverno êles moravam nas montanhas, onde havia suficiente suprimento de água vinda de nascentes, no verão êles mudavam-se para os vales a fim de plantarem e colhiam milho, feijão e trigo. As aldeias de verão e inverno ficavam distantes entre si de 6 a 8 ou de 15 a 20 milhas. Muitas vêzes, durante os invernos normais e sempre nas sêcas mais severas grupos de famílias procuravam obter emprêgos nas vilas mexicanas de Sonora ou

entre os recém chegados emigrantes de língua inglesa que estavam explorando jazidas e montando fazendas para gado no sul do Arizona. A vila de Choulik ficava mais ou menos a 60 milhas da mais próxima aldeia não pertencente aos Papagos e a mais de 100 milhas da vila de maior população como a de Gila Valley ao norte ou Alter Valley ao Sul.

Caravanas com o intuito de negociar, de fazerem trocas, eram frequentemente organizadas pelos Papagos a fim de obterem sementes para as suas plantações. Estas viagens eram normalmente planejadas por todos os homens da aldeia os quais decidiam sobre o tipo e quantidade de sementes a serem obtidas e escolhiam os diversos componentes da caravana para cuidarem dos animais cargueiros. As mercadorias negociáveis eram: couro de veado, corda de fibra, cestos grandes, balaios e cerâmicas. Os comerciantes Papagos muitas vezes viajavam até 250 milhas com estas caravanas, atingiam as cidades de Bisbee, Arizona e Hermosillo, Sonora. Famílias também viajavam anualmente ou só iam num ano determinado para Magdalena, Sonora em peregrinações religiosas a fim de visitar a famosa imagem de São Francisco.

As aldeias dos Papagos eram pequenas, raramente se constituíam de mais de 100 pessoas, a organização política consistia numa unidade agrária que usava e tinha posse de um abastecimento permanente de água nas montanhas e de uma área de terras para o plantio nos vales. Normalmente um "charco", ampla barragem de água estagnada, retinha a água para o uso doméstico nas aldeias das baixadas nos meses de verão.

Aldeias constituídas de 7 a 20 famílias que reconheciam a direção de um líder que aceitavam como chefe. Este, trabalhando em comum com um conselho de todos os homens adultos, planejavam e realizavam todos os empreendimentos da comunidade, tais como: construir barragens, ou reparar os "charcos". Normalmente, todas ou quase todas as famílias da aldeia, eram apresentadas por um sistema patrilinear. As reuniões da aldeia que eram realizadas diariamente à noite, os homens atendiam uns aos outros durante as decisões numa linguagem cujos termos tinham conotações familiares. A vila era conseqüentemente uma unidade muito fechada, cujas propriedades eram comuns no cultivo da terra, nos abastecimentos d'água e nas reservas de alimentos silvestres.

Raramente havia super produção nessas aldeias do deserto, assim como também não haviam trabalhos especializados, todos os homens incluindo os curandeiros trabalhavam nas plantações, eles tomavam conta dos cavalos e dirigiam os animais de carga, a maioria dos homens podia se ocupar de tarefas como o trabalho simples em couro ou trabalhar as madeiras. As mulheres, além de cozinharem e realizarem outras tarefas caseiras, usavam parte do seu tempo na confecção de cerâmicas.

mica e cestos em cuja arte haviam se especializado. Os meninos e as meninas mais velhos ocupavam-se apanhando lenha às braçadas de lugares perto da aldeia, assim como traziam água em potes de cerâmica dos "charcos" ou das fontes para uso doméstico.

4. AS CONSEQUÊNCIAS

A carroça foi uma inovação positiva, que sob o ponto de vista dos Papagos não quebrou sua organização social. O seu uso resultou numa sequência de pequenas transformações e novos ajustamentos com os quais todos foram atingidos na aldeia. Algumas dessas transformações tiveram pouca repercussão, outras porém tiveram uma repercussão significativa e de longo alcance.

Os homens de Choulik prontamente treinaram seus cavalos para puxar carroças. As rédeas de couro por eles usadas nos arados, não foram transferidas para as carroças, em vez disso os arriões manufaturados introduzidos ao mesmo tempo que as carroças eram conservados, reparados e outros adquiridos quando os velhos caíam em desuso. A própria carroça foi sendo lentamente modificada com a adaptação de armações de madeira para manter cobertores como tolda para dar sombra aos passageiros.

Dentro de poucos meses um dos homens da aldeia aprendeu a lidar com ferro aquecendo-o e malhando. Ele se tornou capaz de ferrar os cavalos e reparar as partes metálicas das carroças.

A carroça foi intensivamente usada desde o início, eliminando o uso individual de animais cargueiros. Em poucos anos os surrões e cangalhas deixaram de ser produzidos.

Em outras atividades o efeito do emprêgo da carroça foi de muita importância, quase que imediatamente passou a ser empregada para trazer a água dos "charcos" para os depósitos caseiros. Os únicos recipientes grandes até então usados para este fim eram os potes de barro (ollas) fabricados pelas mulheres, e estes quebravam-se facilmente. Seguindo o exemplo dos rancheiros brancos, barris de madeira foram introduzidos, estes porém não eram muito práticos, num clima muito seco como o do deserto do Arizona, ressecavam e facilmente se desmanchavam. Os Papagos voltaram-se então para os barris de metal, os quais eram inquebráveis e não afetados pelo clima. Os recipientes de cerâmica (ollas) substituídos pelos recipientes inquebráveis de metal para apanhar água e manter o abastecimento da casa, foram a causa do decréscimo do número de potes usados em cada família. A partir daí os potes de cerâmica eram usados apenas para a água de

beber, os quais a mantinha mais frêscas e gostosas do que nos barris de metal. A produção dos potes de cerâmica diminuiu, resultando daí um decréscimo nas atividades diárias das mulheres.

A fim de usar a carroça para as mudanças da aldeia de verão para a aldeia de inverno, fêz-se necessário a construção de uma estrada. Esta construção envolvia a limpeza e o nivelamento do terreno a fim de conseguir a passagem das carroças, num terreno extremamente acidentado, montanha acima na direção da aldeia de inverno. Algumas técnicas de engenharia foram desenvolvidas e uma nova forma de trabalho de grupo foi introduzida da qual todos os homens participavam.

Quando surgiu a necessidade de mudarem-se da aldeia de verão para a de inverno, após a introdução da carroça, o conselho reuniu-se e decidiu que tôdas as 7 famílias de Choulik usariam o veículo em turnos. A família que se aprontasse antes iria em primeiro lugar, seguida pelas outras, de acôrdo com as condições de cada uma para mudar-se.

A influência da carroça como recurso comum da aldeia, fêz-se sentir também em outras maneiras. As viagens de negócios, tais como as caravanas para trazer sementes, eram agora realizadas em carroças. Esta nova forma de condução, exigia apenas o emprêgo de um ou dois homens, em vez de muitos como anteriormente declinando desta maneira o contato face a face entre os mexicanos e Papagos na fronteira sul.

Tarefas que não podiam ser realizadas com os animais cargueiros, passaram a ser feitas com o uso da carroça, que além do regular abastecimento d'água carregava grandes suprimentos de lenha.

O corte da lenha em larga escala, pelos chefes de família, em vez das braçadas apanhadas pelas mulheres e crianças, tornou-se uma nova atividade. Esta atividade foi dirigida para o carregamento de lenha a serem vendidas nas cidades próximas como Tucson. Uma nova fonte de recursos foi desenvolvida e os Choulik passaram a participar da economia regional daquelas sociedades vizinhas através desta nova fonte de renda. Os habitantes da aldeia, iniciaram a interessar-se em aumentar a produção de milho e trigo para serem vendidos, desde que as carroças ofereciam uma forma mais fácil de transportar uns tantos sacos para a cidade.

O uso da carroça com fonte comum de tôda a aldeia motivou a cooperação e uma atuação integrante dos conselheiros e chefe da aldeia. O responsável pelos transportes era chamado para reunir-se a fim de planejar viagens comerciais, ceder carroças para o transporte de água e lenha, além de tôdas as outras finalidades a que se destinava. Assim como, a construção e manutenção das estradas constituíram u

ma nova atividade da comunidade, a qual tinha que ser planejada e dirigida pelo conselho da aldeia. Algumas modificações foram de muita importância:

Brevemente os homens treinaram os cavalos para puxar a carroça. Deixando as rédeas de couro cru que eles usaram na lavoura, mudaram para os arreios feitos introduzidos com a carroça, consertando-os quando necessário, e comprando novos quando eram gastos.

Para fazer sombra aos passageiros, colocaram na carroça armação para estender cobertores.

Dentro de alguns meses, um dos homens da aldeia aprendeu a trabalhar como ferreiro, e chegou a ser capaz de ferrar os cavalos e manter os aparelhos de ferro da carroça.

No início, a carroça ficou de uso geral, diminuindo o emprêgo de cavalos de carga e poucos anos depois não se fabricavam mais cangalhas.

A inovação teve efeito também sobre a arte de fabricar potes, porque a carroça era utilizada no transporte de água dos charcos às casas. As únicas vasilhas usadas antes desta época eram potes feitos pelas mulheres. Mas como estes potes eram muito quebráveis, passaram a ser usados os barriletes de madeira, seguindo o exemplo dos fazendeiros. Daí, passaram a ser usados tambores de metal, porque os de madeira secaram rapidamente no clima do Arizona, caindo em pedaços. Então os tambores metálicos substituíram os potes tanto para guardar água em casa como a transportar. Assim era possível guardar mais água em casa, e diminuiu o número de potes de barro necessários para cada família, sendo usados só para guardar a água para beber porque nos potes a água ficava mais fresca e agradável. Então a arte de fazer potes passou a ser menos importante, e as mulheres gastaram menos tempo neste trabalho.

Para facilitar a passagem da carroça da aldeia de verão, para a aldeia de inverno, tornou-se necessário construir um caminho. Os homens tinham de limpar, e graduar o terreno escabroso da subida da montanha até onde ficou a aldeia de inverno.

Aprenderam então algo de engenharia e começaram a participar como um grupo numa forma nova de trabalho.

A primeira vez que surgiu o problema da mudança foi decidido pelo conselho da aldeia que cada uma das 7 famílias da aldeia Choulik usasse a carroça por sua vez, a primeira família pronta fez a primeira mudança e assim por diante.

O emprêgo da carroça como um recurso comum da aldeia, se mostrou em várias formas.

As viagens de negócios, por exemplo, para comprar se mentes foram feitas de carroça, e agora só precisava de dois homens para acompanhar, em vez de grande número de antes. Diminuíram assim os contatos "face à face" com os mexicanos na fronteira do sul.

A carroça prestou um serviço muito mais variado do que os cavalos de carga. Fora do transporte de água, era usada para bus car grandes quantidades de lenha. O corte de lenha em grande escala pelos homens da família, em lugar de ser feito pelas mulheres, entrou como novo padrão. Os homens passaram a cortar a lenha, a fim de fazer um abastecimento mais amplo. E logo, começaram a levar quantidades de lenha às cidades vizinhas, por exemplo Tucson, para aí vender. Assim desenvolveram um novo recurso natural, e Choulik entrou na economia regional de uma maneira nova.

As famílias da aldeia também se interessavam em produzir algo de milho e trigo para vender, porque com a carroça tornou-se mais fácil transportar alguns sacos desses grãos à cidade. O uso da carroça como um recurso comunitário da aldeia, resultou numa maior co operação e reciprocidade entre os oficiais administrativos da aldeia. Foram necessárias reuniões para o planejamento das viagens comerciais, para a designação da carroça para levar água e lenha, e para todos os outros fins que a carroça servia.

Além disso a preparação e a manutenção dos caminhos foi um novo trabalho comunal que tinha de ser planejado e dirigido pelo conselho da aldeia.

5. ANÁLISE

A síntese da primeira etapa com a introdução da carroça, para quem usava animais cargueiros, demonstra as complicações cau sadas por uma técnica relativamente simples a uma sociedade, mesmo quando preparada para recebê-la. Estes casos mais se evidenciaram nas localidades em que foram adquiridas mais de uma carroça. Daí em dian te muitas outras inovações importantes aconteceram, ficando difícil saber os efeitos causados só pelo uso da carroça.

Uma lista dos efeitos desta introdução da carroça che garia para preenchermos várias páginas, mas a explicação de cada mu dança consequente é mais ou menos simples. As conexões entre as mudanças e as primeiras inovações, são bastante claras. O ponto de desta que é que tais conexões devem ser antecipadas em qualquer introdução tecnológica, quando se pretende orientar a inovação. A coisa fundamenta l é prever pelo menos algumas das interligações entre os instrumentos e os costumes.

No caso dos Papagos, pouco ou nenhum controle consciente da inovação foi considerado pelo Agente do Governo. Surgiu interesse na carroça por parte dos Choulik, porque os irmãos do chefe viram o uso delas nas cidades, quando foram trabalhar nas estradas de ferro. Além disso, foi mais accidental do que planejada a entrega da primeira carroça nas mãos do Chefe Choulik. Não somos capazes com os dados atuais, de provar que a posição dele na aldeia influenciou nos acontecimentos, mas parece razoável demonstrar que o desenvolvimento da comunidade pelo uso da carroça está ligado a este fato. Se a carroça tivesse sido colocada pela primeira vez nas mãos de outra pessoa, não chefe, outros resultados poderiam advir, inclusive alterações ou rompimento nos padrões de liderança.

Os efeitos sobre a tecnologia dos Chouliks foi considerável, os surrões e arreios de carga não foram mais usados sendo especificamente estes artigos, como esperaríamos substituídos pela carroça. A necessidade para consertar a carroça criou uma nova profissão - o ferreiro. O terceiro efeito fácil de prever foi a introdução de estradas e a técnica em construí-las. Todas estas ocorrências poderiam ser previstas por qualquer pessoa que tivesse visão do plano a longo alcance.

Os outros efeitos não foram tão evidentes. Seria difícil dizer positiva e adiantadamente que o tempo dispendido pelas mulheres na cerâmica seria reduzido, mas isto poderia ter aparecido como uma possibilidade se a natureza da carroça tivesse sido considerada em detalhes, relativamente à todas as atividades de transporte dos Papagos. Similarmente, as modificações na maneira de recolher lenha poderiam ser previstas, conjuntamente à consequente alteração na divisão do trabalho doméstico, incrementando a participação dos homens já adultos nas atividades outrora destinadas às crianças e até certo ponto às mulheres.

A total mudança verificada na economia foi provavelmente a que o Agente desejava, entretanto não há registro específico sobre o rumo a que isto levaria. A crescente necessidade de produtos manufaturados como arreios, peças metálicas para as carroças e barrismetálicos ligou os Papagos por novos meios à economia Americana em geral. Nestes efeitos, os primeiros ligados diretamente à carroça, poderiam ser facilmente previstos, os segundos como resultados indiretos, só poderiam talvez ser previstos como uma possibilidade.

O desenvolvimento da lenha como fonte de renda, poderia ser previsto como resultado, da apreciação na crescente necessidade proveniente de novas cidades ao longo dos limites com o território dos Papagos, como pôde também o uso da carroça estimular a colocação dos excedentes agrícolas.

A aceitação da carroça como patrimônio comum da aldeia, sob uma administração conjunta não foi certamente em parte, cogitada pelo Agente, êle provavelmente, pensou em termos de propriedade particular. O que aconteceu foi uma aceitação conforme a organização social sôbre o conceito de propriedade, existente entre os Papagos. O chefe introduziu a carroça na cultura como recurso único, assim como a terra que era compartilhada. Esta participação coletiva no uso da carroça, permitiu nova atividade em grupo como a construção das estradas, de acôrdo com os mesmos padrões para a melhoria da terra. Participando no uso da carroça como meio de negócio, modificaram os costumes de negociar e conseqüentemente a frequência e maneira de contatos com os estrangeiros. Durante o período que estamos estudando, a carroça pode ser considerada como elo do refôrço nas ligações já existentes na comunidade. Por isso, os efeitos na vida social do povo foram tão importantes tanto quanto o desenvolvimento tecnológico.

Assim, vemos que a introdução da carroça, mesmo que o ato fôsse simples, tinha grande repercussão no modo de vida dos Papagos. Não sômente alterou parte da tecnologia como criou novas técnicas e trabalhos especializados, também resultou em importante modificação na divisão do trabalho, com efeitos a longo prazo na economia, tornando na ocasião um fator de grande solidariedade na comunidade influenciando nas relações dos Papagos com os povos vizinhos.

6. OS RESULTADOS

A carroça não era uma atrapalhação na vida Papago, mas sim uma novidade vantajosa. Apesar disto, o uso dela iniciou uma série de modificações pequenas atingindo todos os moradores da aldeia.

O MILHO E OS COSTUMES

Introdução do Milho Híbrido numa Região do Novo México

Anacleto Apodaca
(Trad. Hélio Vianna)

1.0 PROBLEMA

Gerações sucessivas de fazendeiros hispano-americanos do vale do Rio Grande, em Novo México, Estados Unidos, vêm tendo no milho uma das culturas mais importantes. Contudo, as colheitas eram pequenas e de baixa qualidade, quando comparadas com as obtidas por fazendeiros do meio-oeste.

Há alguns anos, em uma dessas comunidades, o Departamento, de Agricultura conseguiu introduzir o milho híbrido, com resultados três vezes superiores aos obtidos anteriormente. Em consequência, a maioria dos fazendeiros da região passou a plantar a nova semente.

Não obstante, a partir do quarto ano, quase todos os plantadores deixaram de lado o milho híbrido e voltaram à variedade antiga.

Quais teriam sido as causas desse abandono? Que fatores deixaram ser levados em consideração, ao ser feita a introdução de uma semente comprovadamente melhor?

2.0 CURSO DOS ACONTECIMENTOS

1. Em 1946, na área em discussão, o representante do Departamento de Agricultura decidiu introduzir o milho híbrido, para melhorar a produção dos fazendeiros locais.

2. Esse representante conseguiu convencer alguns dos fazendeiros mais importantes, demonstrando-lhes as vantagens das variedades híbridas. Os resultados foram melhores do que esperava. Dos 84 fazendeiros da zona, 40 plantaram pequenas quantidades do novo tipo, obtendo colheitas duas vezes melhores.

3. No ano seguinte o número de plantadores de milho híbrido passou a 60. O representante do Departamento de Agricultura considerou a experiência como bem sucedida.

4. Em 1948, contudo, embora os resultados continuassem excelentes, somente 30 fazendeiros plantaram o híbrido. Os outros 30 voltaram à variedade anteriormente usada.

5. Em 1949, o número dos que plantaram híbrido foi ainda menor: apenas três. Todos os demais plantaram o tipo antigo de milho e, pior ainda, o plantio de milho híbrido não foi adotado em nenhuma outra área vizinha.

3. FATORES IMPORTANTES

Plantado originalmente pelos índios, o milho vem, de há muito, sendo uma cultura importante para os fazendeiros dessa zona do Novo México, que o plantam para consumo local, sem vendê-lo fora da região.

Antigamente, as mulheres, tais como as índias da região moíam o milho em pedras apropriadas. Hoje o fubá é preparado em moinhos. Com o fubá preparam-se as "tortillas", bolinhos redondos e finos, que são o principal alimento da região.

Quando as colheitas são abundantes, o milho é também dado ao gado, como ração.

A variedade plantada nessa zona até 1946 foi desenvolvida, aí mesmo e é chamada "milho índio". É de tamanho médio e produz pouca palha. Sua produção média é de pouco menos de 1 (uma) tonelada por "acre" e as sementes usadas são da safra anterior, sem nenhuma seleção. As plantações são feitas em pequenos campos irrigados, não havendo falta de água.

O representante do Departamento de Agricultura mantinha boas relações com os fazendeiros, falava espanhol como eles, era familiarizado com os antecedentes e com as técnicas agrícolas locais e estava na região já alguns anos. O milho usado, verificou ele, já estava degenerado, o que provocava as más colheitas obtidas. Por isso, após consultas com outros agrônomos, escolheu uma variedade de milho híbrido que vinha sendo testada em zona próxima, de condições semelhantes, com boa resistência às pragas e com uma produção média de cerca de 4 (quatro) toneladas por acre.

Passou depois a discutir, com os fazendeiros mais importantes da região, o problema da pequena produção obtida com milho usado. Foi prontamente reconhecida a necessidade de se produzir mais e melhor achando eles que as sementes que vinham usando já estavam enfraquecidas pela contínua propagação durante anos e anos.

Os solos foram analisados, dando índices de fertilidade, pois era hábito usar-se todo ano o estrume de gado, como adubo.

Em uma reunião, a que vieram todos os lavradores, e durante a qual foram exibidos filmes e desenhos animados, mostrando as qualidades e vantagens do milho híbrido, os líderes locais também falaram, explicando com suas próprias palavras as vantagens da mudança. Todos os presentes concordaram em que o híbrido era a resposta ao problema e afirmaram que comprariam sementes, se lhes fossem oferecidas em condições acessíveis.

Um produtor de sementes de híbrido concordou em fornecer seu produto, em troca de milho comum produzido nessa região. Foi então preparado um campo de demonstração, onde se obteve colheita três vezes maior, o que convenceu 40 fazendeiros a plantarem o milho novo.

Pelo exposto, vê-se que tudo foi planejado e feito em bases sólidas, com resultados rápidos. E no ano seguinte, quando 60 fazendeiros, quase 3/4 da totalidade, adotaram a nova semente, tudo indicava que o sucesso seria total. A semente produzia admiravelmente, estava dentro das possibilidades locais de aquisição e a inovação tinha sido muito proveitosa.

4. O RESULTADO

Uma pesquisa feita em 1.949, quando quase todos os fazendeiros haviam voltado para o milho comum, revelou as razões da rejeição do híbrido.

A necessidade de melhores colheitas ainda era sentida: ninguém se queixava da falta de mercado para os excedentes (que o representante do Departamento de Agricultura temia). Não houvera, realmente, produção maior do que a necessária ao consumo das pessoas e do gado. Ninguém tinha tido dificuldade alguma com o novo produto; todos estavam ainda bem impressionados com as colheitas melhores e muitos confirmaram o fato de as sementes antigas estarem fracas, em virtude das inúmeras gerações de cruzamento incontrolado. Ninguém tinha tido dificuldade em obter sementes novas.

Aos poucos, o introdutor do milho híbrido foi descobrindo a razão por que ninguém havia continuado com o novo produto. Uma resposta simples. Como disse um dos lavradores: "Minha mulher não gosta do milho híbrido".

Esse lavrador, secundado por outros, explicou que o milho híbrido não havia sido bem aceito desde a primeira safra e que as mulheres não aceitavam bem. Algumas se queixavam da textura, que não era boa para o preparo da "tortillas", não dando boa liga, nem ficando com boa cor. Alguns se queixaram do sabor, mas julgaram que se acostuariam dentro de algum tempo e por isso continuaram a plantar, pois que a colheita era abundante e dava até para o gado, mas, no fim de três anos, ainda não se haviam habituado ao sabor, nem à textura, nem às reclamações das mulheres.

5. ANÁLISE

Este é um exemplo de procedimento cuidadoso, até certo ponto, habitual em casos semelhantes nos Estados Unidos. O téc

nico foi cuidadoso, não agiu precipitadamente e só fêz as coisas de pois de um considerável período de observação e análise da situação local. Examinou todos os aspectos técnicos, o solo, as condições de plantio e os hábitos regionais. Havia, realmente, necessidade de melhorar e foi-lhe fácil induzir os fazendeiros a sentirem essa necessidade. A liderança local foi utilizada e nenhuma modificação foi introduzida antes de ser devidamente aceita por todos.

Não obstante, o representante do Departamento de Agricultura, em sua análise de contexto da mudança planejada, não foi até onde deveria ter ido. Deu a devida atenção às relações entre a tecnologia agrícola e as condições locais, entre os hábitos de cultivo e a organização da comunidade. Seu erro foi não ter estudado os hábitos alimentares e a sua influência na escolha das culturas a serem feitas. Só tarde demais descobriu que não podia ignorar os hábitos alimentares. E teve de aprender que os interesses e desejos das mulheres devem ser levados em consideração, como um fator importante na economia agrícola. E, como última lição, o nosso herói aprendeu que, dentro do sistema de valores dessa comunidade, a qualidade do milho era mais importante do que a quantidade.

A sua impressão foi de que uma produção maior era o único fator importante, esquecendo-se de estudar os usos do produto obtido e de provar os alimentos preparados com êle.

Esqueceu êle, ainda, a cortezia dessa gente, incapaz de corrigir um "técnico" ou de expressar-se livremente na presença d'êle. Mais tarde, fazendo um retrospecto, lembrou-se de que alguns fazendeiros apresentavam-se em dúvida, mas não se julgavam com o direito de desencorajá-lo.

É provável que uma maneira correta devesse ter incluído mais os seguintes itens:

1. Experiência com diversas variedades.
2. Experiências mais acuradas com o milho escolhido, para verificação de sua aceitação dentro dos padrões culturais locais.
3. Demonstração continuada das vantagens da nova semente.
4. Contato permanente com os fazendeiros, para descobrir quaisquer dificuldades e alterar os planos, se necessário.

Assim, talvez o problema de sabor houvesse sido descoberto mais cedo e corrigido com a escolha de uma variedade de híbrido mais adequada.

Universidade de Brasília

Sobradinho, D.F., 23 de setembro de 1969.

Of. UISS 209/69

Senhor Diretor

Referimo-nos aos seu Of. nº 65/DAS, de 3 de agosto p.p., para enviar-lhe anexo o programa cumprido pelos estagiários da FUNAI na UISS, sob a direção da Enfermeira Geovana Câmara e a supervisão do Prof. Álvaro Simões.

Aproveitamos a oportunidade para elogiar o comportamento e o alto rendimento do grupo nessas duas semanas de treinamento na UISS.

Atenciosamente,

A. B. Collet

Diretor da U.I.S.S.

Ilmo. Sr.

Dr. Darcy Mesquita da Silva

DD Diretor do Departamento de Assistência da
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

PROGRAMA PARA GRUPO DE ESTAGIÁRIOS DA FUNAI

DIV: ENFERMAGEM UNIDADE INTEGRADA DE SAÚDE DE SOBRA
DINHO SETEMBRO/69

1. JUSTIFICATIVA - A capacitação de pessoal leigo para desenvolver atividades técnicas constitui uma constante preocupação dentro da problemática de enfermagem. Por um lado esta prática constitui uma dificuldade para a profissionalização do enfermeiro, apesar da consciência da escassez dos recursos existentes e da necessidade de pessoal. Assim leigos são capacitados para exercer tarefas custodiais no desempenho da enfermagem. Este programa foi elaborado para treinar pessoal leigo para o cargo de PROMOTORES DE SAÚDE e que desenvolverá atividades na área de atuação da FUNAI (Brasil Central).
2. OBEJETIVOS-
 - 1) Capacitar pessoal leigo para executar atividades de enfermagem.
 - 2) Desenvolver técnicas elementares para atender as necessidades locais.
3. ESCOLHA DO CANDIDATO - A seleção será feita pelo órgão (FUNAI) cujos critérios são: nível de instrução secundária, entrevista individual.
4. DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA - Todos os assuntos expostos terão inicialmente a orientação teórica/dos métodos de palestra demonstração e em seguida a aplicação prática no setor hospitalar.
5. RECURSOS
 - 5.1 - Materiais

Tempo - A carga horária será de 33 horas semanais. Perfazendo o total de 2 semanas.

Início - 8/9/69

Término - 19/9/69

Material - Será usado o material existente na UISS.
 - 5.2 - Recursos Humanos - O treinamento será dado por membros do Staff de enfermagem da UISS e pessoal auxiliar.

6. CONTEÚDO DO PROGRAMA:

69.

Unidade I

Técnicas de injeção

PA

Temperatura

Unidade II - Tuberculose

Tratamento, Terapêutica, Contrôles de medicação, Ed. Sanitária.

Unidade III - Socorros de Urgência

Fraturas, Queimaduras, Asfixia, Envenenamentos, Hemorragias.

Unidade IV - Esterilização

Métodos e funcionamento dos aparelhos. Preparo do material para o método de fervura.

Unidade V - Higiene-Materno

Noções sobre desenvolvimento fetal, Pré-Natal, Ed. Sanitária.

7. AValiação - No fim do estágio será aplicado teste para avaliação do rendimento teórico. Os conhecimentos práticos se rão avaliados através da evolução da técnica.

Sobradinho, 17 de setembro de 1969.

ESCALA DE ATIVIDADES PARA O GRUPO DE ESTAGIÁRIOS DA FUNAI
 DIVISÃO DE ENFERMAGEM - UNIDADE INTEGRADA SAÚDE SOBRADINHO
 SETEMBRO/69

	8/9	9/9	10/9	11/9	12/9	15/9	16/9	17/9	18/9	19/9
FERNANDO ALEXANDRE	Med. Integral	Med. Integral	Tuberculose	Fercal	Tuberculose	PPD		Visita Domiciliar	Prova Prática	Prova Teórica
MARIA HELENA	Med. Integral	Med. Integral	Tuberculose	Fercal	Tuberculose	PPD		Visita Domiciliar	Prova Prática	Prova Teórica
JOSÉ MORAES	Med. Integral	Med. Integral	PPD	PPD	Tuberculose	Med. Integral	PPD	Visita Domiciliar	Prova Prática	Prova Teórica
MARCOS ANTÔNIO	Med. Integral	Med. Integral	PPD	PPD	Med. Integral	Med. Integral	Medicação	Visita Domiciliar	Prova Prática	Prova Teórica
ÂNGELO TEIXEIRA	Med. Integral	Med. Integral	Tuberculose	Não compareceu	Med. Integral	Tuberculose	PPD	Visita Domiciliar	Prova Prática	Prova Teórica
EDUARDO BARBOSA	Med. Integral	Med. Integral	Tuberculose	Med. Integral	PPD	Med. Integral	Medicação	Visita Domiciliar	Prova Prática	Prova Teórica
JASON		Med. Integral	Tuberculose	Med. Integral	PPD	Med. Integral	PA Temperatura	Visita Domiciliar	Prova Prática	Prova Teórica
CLEONIR			Tuberculose	Med. Integral	PPD	Med. Integral	Injeção	Visita Domiciliar	Prática	Prova Teórica

MI - Medicina Integral

Injeção (intra muscular e venosa)

Medicação oral

Temperatura

Pressão Arterial

Fercal

Contato com o meio rural

Tuberculose

Exame médico

Entrevista de enfermagem

Contrôle de Medicação

Pronto Socorro

S. Urgencia.

ESCALA DE AULAS TEÓRICAS ESTÁGIÁRIOS DA FUNAI
SETEMBRO/69

DATA	HORA	A S S U N T O	EXPOSITOR	PROC.DIDÁTICO
09/09/69	8:30	Tuberculose - Manifestação Clínica - Exames complementares, Diagnóstico	Geovana Câmara	Palestra
10/09/69	8:30	Sinais Vitais - Injeção intra-muscular, endovenosa, técnica de aplicação	Iolanda Freitas	Demonstração
12/09/69	8:30	Tuberculose - Classificação, Esquema de tratamento, Controle de contatos, Educação Sanitária.	Geovana Câmara	Palestra
11/09/69	8:30	Teste Tuberculínico, Leitura Aplicação Tipos de Reação - Controle Reatores Fortes	Geovana Câmara	Palestra
16/09/69	8:30	Socorros de Urgência - Convulsões, Fraturas, Queimaduras, Sufocamentos, Picadas de Animais Venenosos.	Geovana Câmara	Palestra
17/09/69		Higiene Materno - Órgãos Genitais internos, desenvolvimento fetal, trabalho de parto.	Geovana Câmara	
15/09/69	14:00	Noções de esterilização - Processos, Contaminação	Georgina	Demonstração

Ao : Doutor Edson Junior

Do : Grupo de Estagiários da FUNAI com destino ao Pôsto Indígena do Rio dos Areões.

R E L A T Ó R I O

- 1 - Formação do Grupo
- 2 - Viagem
- 3 - Chegada ao Pôsto Indígena Areões
- 4 - Medidas tomadas pelo Sr. Chefe de Pôsto em relação ao Grupo de Estagiários.
- 5 - Contacto com os Índios
- 6 - Posição do Chefe do Pôsto em relação ao Grupo
- 7 - Posição do Chefe do Pôsto em relação aos Índios
- 8 - Problema interno do Grupo
- 9 - Retôrno do Grupo à Brasília
- 10 - Observações

Elaborado por:

Benilton Neves Braz

Marlene Pinto da Silva

Marieta Cortes

Francisco das Chagas A. Marwell

José Oliveira Santana

1 - FORMAÇÃO DO GRUPO

O Grupo foi formado pelos seguintes Estagiários: Benilton Neves Braz, Marlene Pinto da Silva, Marieta Cortes, Francisco das Chagas Araújo Marwell, Maria da Conceição Sanches, José Oliveira de Santana e Regina Célia Castro e Souza.

2 - VIAGEM

Partimos de Goiânia no dia 10/7/69 com destino ao Pôsto Indígena Areões. Pernoitamos na cidade de Jussara, devido à falta de transportes. Recorremos ao Sr. Prefeito da cidade, certificando-o dos nossos objetivos, o qual foi solícito com o Grupo e nos concedeu uma viatura de sua Prefeitura. Chegamos às margens do rio Caiapós de onde prosseguimos viagem para Barra do Garças. Novamente recorremos ao Prefeito no que nos atendeu tomando medidas para que chegássemos a Xavantina. Em Xavantina nos apresentamos ao Sr. Euvaldo, representante da FUNAI, o mesmo providenciou um barco que nos transportou até o Pôsto do Rio Areões.

3 - CHEGADA AO PÔSTO INDÍGENA AREÕES

Chegamos no dia 12/7/69 às 12 horas no Pôsto dos Areões. Apresentamos o memorando e pedimos instruções ao Chefe do Pôsto Sr. Telmo Peçanha.

4 - MEDIDAS TOMADAS PELO CHEFE DE PÔSTO EM RELAÇÃO AO GRUPO DE ESTAGIÁRIOS

Explicou-nos o Sr. Telmo que não poderia desmembrar o Grupo por falta de transportes para outros Postos. Orientou-nos sobre o local onde deveríamos acampar e determinou as seguintes tarefas:

- 1º) Confeccção de colchões;
- 2º) organização da farmácia; e
- 3º) recuperação de um rancho semi-destruído.

No dia 14/7/69 o Sr. Telmo comunicou -nos que iria ausentar-se e que só retornaria no dia 18.

No dia 15 fomos surpreendidos pela presença de uma comitiva chefiada por um Sr. Lehel, que dizia ter vindo ao Pôsto para colher dados sobre um inquérito, alheio ao nosso conhecimento.

De acordo com as instruções recebidas pelo Sr. Telmo antes de sua partida, que não permitíssemos a entrada de pessoas estranhas no Pôsto, a menos que fôsem credenciadas pela FUNAI, nada fizemos em relação ao Grupo do Sr. Lehel, que ocupou a casa que é a sede do Pôsto, sendo que nós nos transferimos para o rancho, que já tínhamos reconstruído, por imposição do Chefe do Grupo, que dizia que era da FUNAI.

No dia 16, um dos membros da Comitiva do Sr. Lehel, o Sr. Plínio Antunes Maciel, veio a nós identificando -se como ser êle o único funcionário da FUNAI - 5a. Delegacia Regional de Cuiabá, desculpando-se pelo modo rústico e grosseiro com que o seu Grupo nos tratou, no dia anterior.

5 - CONTACTO COM OS ÍNDIOS

Com a chegada do Sr. Telmo no dia 18, pedimos instruções para entrarmos em contacto com os índios. Foram as seguintes instruções recebidas: deveríamos seguir para a cachoeira, que dista 18 km do Pôsto e 3 km da aldeia; e apanhar mantimentos para nossa subsistência naquele local.

No momento em que partimos para a Cachoeira o Sr. Telmo e o Sr. Lehel seguiram viagem para Xavantina, dizendo o Sr. Telmo que iriam procurar um cristão e um índio que estavam perdidos na mata há vários dias.

Chegando a Cachoeira, acampamos no rancho que os índios haviam construído. A seguir enviamos um elemento do Grupo à aldeia para conseguir os referidos mantimentos de acordo com as instruções recebidas.

No dia 19 todos os elementos do Grupo foram visitar os índios na aldeia. Cada elemento exercia atividades diversas como: noções de higiene, aplicação de medicamentos e curativos, noções de arte culinária, costura, e ainda observação sobre o trabalho feito pelos índios, na construção do campo de aviação. Saíentamos, também, que os membros do Grupo tomaram parte ativa nos trabalhos do campo, durante o período que lá estiveram.

6 - POSIÇÃO DO CHEFE DO PÔSTO EM RELAÇÃO AO GRUPO

A princípio tivemos uma acolhida amistosa por parte do Chefe do Pôsto, mas com o decorrer do tempo, devido

a falta de alimentação para os estagiários, alegada pelo referido chefe, foram surgindo sérios atritos entre o chefe e os estagiários. Culpaando êle a FUNAI de não possuir, ela, fundos naquele Pôsto para emprender tal movimento, e que êle não era obrigado a nos sustentar, obrigando-nos a assinar uma VALE DE NCr\$ 100,00 (cem cruzeiros novos), a fim de ser reembolsado pela FUNAI. Passando a nos maltratar, principalmente na ausência dos rapazes, as moças eram tratadas da pior maneira possível.

7 - POSIÇÃO DO CHEFE DO PÔSTO EM RELAÇÃO AOS ÍNDIOS

Concluimos, que o Sr. Telmo não possui qualidades necessárias, para manter a organização e a ordem, que são fatores indispensáveis para o bom andamento do Pôsto, fugindo, assim, aos objetivos da FUNAI.

A nossa conclusão partiu dos seguintes fatos surgidos na aldeia: falta de assistência aos trabalhos ordenados aos índios como a mudança da aldeia e a demarcação do campo-de-pouso iniciado pelo Sr. Telmo e continuado pelos índios durante 2 meses sem a sua orientação apesar de vários recados enviados pelo chefe da tribo Zê Tropeiro, pedindo sua presença na aldeia a fim de verificar o andamento do referido trabalho.

Aproveitamos, para ressaltar, o entusiasmo e a rapidez nos trabalhos executados pelos índios, que com o intuito de agradar e mostrar suas habilidades foram merecedores, assim, dos nossos elogios.

No dia 24/7 chegou ao nosso acampamento o Sr. Telmo Peçanha, acompanhado de sua esposa, filha e cunhada. Não tendo o mesmo permanecido com o grupo mais de três horas, devido ao desentendimento surgido entre êle e o índio Zê Tropeiro. Tendo o mesmo junto com outros índios solicitado a saída do Sr. Telmo das terras Xavantes, no que foram atendidos.

Antes de ausentar-se da cachoeira, o Sr. Telmo nos avisou que caso acontecesse algum desentendimento com os índios, retirássemos para o Pôsto. Devido ao acontecido resolvemos mandar o estagiário Benilton Neves Braz à Xavantina, onde o mesmo solicitou ao Sr. Euvaldo que o autorizasse a passar um rádio comunicando o ocorrido, e pedindo instruções, pois, nossa situação, segundo o Sr. Telmo era alarmante, tendo o mesmo dito que iria embora do Pôsto.

No dia 25/7 o Sr. Telmo mandou avisar que seguíssemos para o Pôsto, pois iríamos todos embora. Tendo marcado nossa saída para Xavantina no dia 27/7, data de nossa chegada em Xavantina.

8 - PROBLEMA INTERNO DO GRUPO

Tendo o Sr. Telmo nos comunicado que a estagiãria Regina Célia de Castro e Souza, tinha mantido relação sexual com o Índio Zê Pedro (Bom Zê), expondo assim, as outras moças em perígo, pois chegou ao seu conhecimento que caso elas fôsem sôzinhas à aldeia, seriam agredidas. Não tendo sido nada provado, pois o mesmo nos pediu que não revelássemos o acontecido a interessada.

9 - REGRESSO À BRASÍLIA

Tomadas as providências de regresso pelo Sr. Euvaldo, empreendemos viagem de volta à Brasília, aonde chegamos no dia 1/08/69 às 14 horas.

10 - OBSERVAÇÕES

Ressaltamos que ficamos deveras surpresos, quando do nosso contacto com os índios, pois fazíamos idéias diferentes sôbre o modo de vida dos mesmos.

Constatamos que os índios possuem grande capacidade de assimilação; procuram adaptar-se ao meio de vida dos civilizados, o que êles conseguem satisfatôriamente.

Possuem também características sutis de observação, sendo descrentes das promessas feitas pelos civilizados, pois anteriormente tinham sido muito explorados. Partindo essa descrença dos elementos mais velhos.

O fator higiene é ainda um sério problema, que sô poderá ser resolvido através de árduo trabalho de conscientização da importância que representa êste fator para a comunidade indígena.

Os índios estão entusiasmados com a construção da casa do Presidente, situada às margens do Rio Areões e do campo de aviação perto da aldeia nova. Pois êles possuem noção do progresso que estas construções lhes proporcionarão futuramente.

É simplesmente destituída de fundamentos a afirmativa de que o índio é preguiçoso e que não gosta de trabalhar, êles apenas não conheciam o valor do trabalho. Com os conhecimentos adquiridos procuram tirar o melhor proveito possível de seus trabalhos.

Necessitam êles de maior incentivo e pr
mordialmente de assistência por parte do responsável pelo Pôsto.

Brasília, 4 de agosto de 1969.

Benilton Neves Braz
Marlene Pinto da Silva
Marieta Cortes
Francisco das Chagas A. Marwell
José Oliveira Santana

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Caro Diretor
com o projeto
31/10/69
75

Memo. nº 458/DAS

Em, 29/10/69

Do Assistente Técnico Superior do DAS

Ao Diretor do Departamento de Assistência

Assunto: Apresenta projeto.-

Tendo sido designado Coordenador Geral dos Cursos Pilôto de Indigenismo pela Portaria nº 235 de 03 de outubro de 1969, publicada no BA-FUNAI nº 37, de 08 de outubro de 1969, apresento conforme estabelecido no item 18 da referida portaria, o projeto anexo, ressaltando o seguinte:

- 1) A fase inicial estabelecida pelo projeto já se encontra concretizada (item Considerações Gerais - 14.0).
- 2) Dentro das nossas possibilidades, acredito ser o projeto anexo, uma solução para os problemas inerentes ao desenvolvimento das comunidades indígenas.
- 3) Aprovado o presente Projeto, se faz necessário antes do início do período letivo, a elaboração do "Plano Integrado de Desenvolvimento Comunitário para a Área Indígena do Araguaia (itens 1.0.3, 2.0.5, 14.0.3, 14.0.4).
- 4) O sucesso desse Projeto Pilôto dependerá da concentração de recursos e da importância que vier a ser dada a essa experiência primeira. A proliferação de outros cursos de indigenismo acarretará num esvaziamento e pulverização de recursos tão necessários a implantação do presente Projeto. No futuro, a criação de outros cursos levará em conta a experiência obtida através do Projeto Pilôto.

Atenciosamente

Edson Ramalho Junior

CREP 114 - DF